

The background of the cover is a photograph of a forest path. The path is narrow and covered with fallen leaves, leading into a dense forest. The trees are tall and thin, with bare branches. A soft, golden light emanates from the end of the path, creating a misty or ethereal atmosphere. The overall color palette is muted, with greens, browns, and a touch of yellow from the light.

QUANDO O PASSADO SE TORNA PRESENTE

Estória

Silvina Bernarda Agostinho Ndala

**QUANDO O PASSADO
SE TORNA PRESENTE**

Silvina Bernarda Agostinho Ndala

Ficha Técnica:

Título: QUANDO O PASSADO SE TORNA PRESENTE

Autor: Silvina Bernarda Agostinho Ndala

Editora Digital: "ÁGUA PRECIOSA"

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Abílio Lupenha

Lubango, 2022

Índice

PROLÓGO	6
1º DIA.....	24
2º DIA.....	32
3º DIA.....	46
4º DIA.....	52
5º DIA.....	60
6º DIA.....	64
7º DIA.....	68
8º DIA.....	74
PARTE II.....	84
9º DIA.....	94
10º DIA.....	98
SOBRE O AUTOR	102

PROLÓGO

1 Ano Depois

- Vou parecer uma palhaça usando isso. – Meize fala rude.
- Eu já disse para tu usares o vestido amarelo, mas não queres me ouvir. – Dou de ombros.
- Não confio nos teus gostos. – Responde voltando-se no espelho.

Nossa! Meize é difícil de suportar. Desde que fomos apresentadas como irmãs o que ela sabe fazer é ser metida, querendo a todo tempo fazer birras.

Quando estou na casa da minha mãe, meus dias decorrem tranquilamente, mas quando venho passar algum tempo com meu pai, meus dias são sempre cheios dos barulhos da Meize, não sei como o Damião consegue aguenta-la todos os dias.

Mas fico muito feliz quando aqui estou, é divertido jogar com meu pai, apesar que eu sei que nunca vou conseguir ganhar-lhe uma partida de xadrez.

- Então fica uma palhaça. – Irivânia rebate já impaciente.

Rio dela. Sabem a Irivânia que foi empurrada da escada daquela vez em que fui no Colégio Welwitschia? bem, apresento-lhes, ela é minha prima, filha do irmão da minha mãe. Por esse motivo Tony mandou atacá-la no Colégio, mas é uma história que prefiro não lembrar. Tornamo-nos muito próximas, verdadeiras amigas, o que ela faz eu faço, e o que eu faço ela faz. Ela tem 14 anos e também é gêmea de um menino. Tem um rosto fino que cai pelos cabelos longos lisos e loirinhos.

- É aniversário do meu pai, não posso estar de qualquer jeito.

David faz anos hoje, haverá um jantar aqui em casa com a família e amigos próximos, meu pai não gosta de grandes

ambientes, tenho a quem puxar, aliás minha mãe também não gosta.

Puxo pelo braço de Irivânia saindo do quarto. Descemos as escadas e vi uma pessoa estranha no meio da sala. Talvez seja uma das amigas próximas do meu pai.

- Vocês estão lindas. – Damião diz oferecendo-nos as mãos para que descêssemos o último degrau, meu irmão é um verdadeiro cavalheiro.

- Então você é a filha da Ângela. – Ela não pergunta, afirma.

- Mãe, não fala assim. – Damião corrige.

Então essa é a mãe dos gémeos, a mesma que enganou meus pais, a mesma que se aliou ao Tony para desaparecerem comigo. Olho-a com certa cautela, não tenho por esta senhora, não sabendo de tudo que fez e a forma como Damião me contou que ele e a irmã nunca tiveram o carinho da mãe mesmo morando debaixo do mesmo tecto. Saí do hospital três meses depois do meu sequestro, e essa senhora já não estava na vida do meu pai, eles haviam se divorciado e a guarda gémeos foi dada ao meu pai, já que o pai biológico deles não tem nenhum interesse pelos mesmos.

Vejo a porta principal sendo aberta, e a Lia entrando dela correndo. Abraço-a quando chega perto de mim e em seguida ela abraça Irivânia. Minha mãe aparece logo após revelando surpresa ao ver Cândida.

Sáímos puxadas da sala, dessa vez é Irivânia que sai nos puxando junto com Lia, deixando assim minha mãe e Cândida sozinhas, Damião nos seguiu. Fomos no jardim da casa, vejo pessoas chegando e logo a casa está lotada. Francisco, irmão de meu pai, fica encantado cada vez que vê Lia, neste momento está me convencendo a falar com minha mãe para que a deixe passar férias com ele e a esposa. Olho-o de lado, ele sabe que minha mãe não vai permitir, revira os olhos e deposita um beijo na minha testa.

Meize aparece usando o vestido que eu disse para ela usar. Dei um pequeno sorriso, minha irmã apesar de tudo, sempre acabava me ouvindo.

- Até que não estou palhaça. – Fala ao meu lado.

- Eu sei. – Reprimo uma gargalhada.

Estou sentada numa mesa com Meize, Lia, Irivânia, Damião e Miguel, irmão de Irivânia – meu primo. A comida é servida, e para minha alegria tem massa e frango grelhado, o que me sirvo.

Meus olhos percorrem o ambiente até encontrarem meus pais conversando entre sorrisos numa mesa ao lado da piscina. Há amor entre eles, consigo ver isso, fico feliz em vê-los feliz.

Cantamos parabéns ansiando comer o bolo que parece estar gostoso. Vejo Meize dá um lindo sorriso quando meus avós paternos tiram uma foto na nossa mesa.

- Até que gosto de você. – Fala sem olhar para mim.

Meize está sempre me surpreendendo, abraço-a, ela primeiro resiste mas logo se entrega.

- Não vai se habituando. – Diz deslizando as mãos pelos cabelos. Rio com humor. Essa garota é comédia ressentida.

Já são 21h quando todos deixam a casa, excepto minha mãe e Lia que ficam um pouco mais. Irivânia e Miguel também ficam, estamos na sala lembrando alguns momentos do jantar que Lia fez a questão de dar um belo show quando decidiu cantar num tom desafinado.

- Todos presentes foram lindos. – Meu pai diz quando abre o último pacote.

- Falta o meu.

- Falta? – Gritamos em unísono olhando fixos para minha mãe. Ela dá um sorriso nervoso.

Ela pega um papel e entrega-o ao meu pai. Ele abre com uma cara interrogativa.

- 15 de Junho?

- A data do nosso casamento. – Minha mãe dá de ombros.

- Isso quer dizer que você aceitou meu pedido de casamento.

- Ele afirma sorridente. – Obrigada.

Meu pai puxa minha mãe para um abraço forte e longo. Nós entreolhamo-nos surpresos, logo depois as expressões foram trocadas com alegria, vejo até Meize feliz.

Deus nos brindou com um lindo presente.

Dizem que o amor sempre triunfa, que não importa as brigas, os desentendimentos, a distância. Acredito nessa teoria porque Deus É Autor da vida, e Ele É Amor.

Meus pais, há anos atrás o destino encarregou-se de levá-los em caminhos diferentes, esse mesmo destino percebeu que não poderia apagar esse amor e voltou a juntá-los, fazendo que juntassem a certeza de poder ir jurar seu amor perante a Deus e perante aos homens, é isto mesmo, eles vão se casar, assim estaremos como uma verdadeira família: minha mãe, meu pai, os gémeos, Lia e eu.

Nunca hei-de deixar Lia, se ela um dia for embora, eu irei atrás dela porque irmãs nunca devem se separar.

Tal como eu desenhei, minha realidade é pintada de mais fé, esperança e amor.

Quando acordei, estava cercada de insectos, lixo e lama, deitada num papelão com a minha mochila por baixo da cabeça e um casaco me cobrindo, esta é a minha realidade mas antes eu não era assim, esta não era a minha realidade.

Há dois dias, eu morava no orfanato Estrela Rayal¹, e lá eu tinha tudo ou quase tudo, tinha alimentação, tinha tecto, vestuário, educação, mas eu não tinha satisfação. Fui abandonada neste orfanato com apenas 1 dia de vida, deixaram-me em frente da porta com um cordão no pescoço que tinha a sigla AD² e um papel que tinha o meu nome: Graciela.

Meus primeiros passos, minhas primeiras palavras até minhas primeiras garatujas passei nesse orfanato acompanhada da tia Helena como carinhosamente é tratada a directora do orfanato, da Sra. Vissapa zeladora do orfanato; tempos depois apareceu a Lara nossa orientadora e do Chico. Eles assistiram todos os acontecimentos da minha vida, praticamente são minha família com as outras 10 meninas do orfanato.

Desde os meus 7 anos que eu comecei a ganhar juízo sempre perguntei pelos meus pais, minha família, e a resposta era a mesma:

- Não sabemos quem são, te encontramos em frente da porta do orfanato sozinha!

Para mim essa resposta era ridícula, falsa e estratégica. Era só olhar como a tia Helena ficava nervosa e pálida quando eu perguntava, mas Vissapa sempre teve o mérito de persuadir as pessoas e lá estava ela para dar uma resposta sensata e sem possíveis reclamações. Eu já me tinha convencido dessas teorias, já mesmo até ontem.

Ontem! Ontem mudou tudo em minha vida.

Sem querer, ouvi uma conversa da Tia Helena com uma senhora chamada Ilda. Sempre doava coisas para o orfanato, encontrava-se bastante com o orfanato ou com as pessoas que lá estão:

- A Graciela está crescendo e começando a ligar as coisas, ela quer saber quem são seus pais! – Reconheço a voz da Tia Helena.

- Eu sempre dei tudo para que não faltasse nada a essa garota e não sentisse falta de sua família.

- A menina agora tem 13 anos, não é tão fácil convencê-la.
- Tia Helena altera o tom que usa para mais alto. - Tentamos todos os dias tirar essas ideias da cabeça dela mas não dá...

- Ainda não é momento certo para Graciela saber que é filha do David e da....

Justo no momento em que a Senhora Ilda ia citar o nome da minha mãe, deixei cair um vaso sem querer:

- Helena o que foi isso?

- Não sei! Parece barulho de vaso ou copo caído.

Saí a correr e quando elas foram ver não encontraram ninguém. Atravesso o corredor com as mãos suadas e queixo literalmente caído, o suor começa a fazer enxuto na minha testa, nervosismo e ansiedade, conheço meu corpo para saber o sentimento que ele transmite a cada sinal fora do normal.

Por sorte, não havia ninguém no nosso dormitório e nem me cruzei com alguma pessoa, bom, cruzei-me com a Nancy que estava desligada do que se passava ao seu redor carregando o seu MP3 seguindo com passos embaraçosos enquanto seus olhos estavam fechados para melhor apreciação da música.

Ao ouvir essa conversa algo em mim nasceu, é como se novas esperanças, janelas, portas se abrissem e eu tinha que descobri-las; de uma forma não esclarecida, essa conversa deu explicação a muitas coisas que me perturbavam como "o porque de nunca me deixarem ser adoptada", as ideias estavam fixas, claras e eu só tinha que arriscar e desvendá-las.

Procurar meus pais é algo que eu tinha fixo na cabeça. A senhora Ilda não morava aqui na Huíla, mora em Luanda o que significa que meus pais também estão lá e lógico seria eu investigar quantas pessoas próximas dela têm esse nome. Ao deixar os corredores dos quartos, me deparo com uma bagunça na sala de estar que rouba a atenção de todos ao redor.

Xana é feroz em arranjar encrencas e, tenho a completa certeza de que foi ela que começou a briga provocando a Nanga. Sim foi ela, Nanga é calma o suficiente para sabermos que só age quando é provocada, está sempre curiosa em aprender novas coisas, em jogar, ler e acompanhar seriados de televisão nem sequer tem forças de responder a abusos com agressividade seja verbal ou física, a não ser que seja cutucada de forma profunda.

Consegui passar pelo portão do orfanato sem que ninguém notasse minha passagem, porém, deixei uma carta na qual eu avisava que fui à procura dos meus pais e que voltaria em 10 dias, encontrando ou não os meus pais, em 10 dias eu volto.

-Graciela?! Prá onde vais?

Quando saí, Lia seguiu-me. Eu amo muito a Lia é como uma irmã mais nova, ela tem apenas 8 anos mas foi a coisa que eu mais amei na minha vida. Quando a vi pela primeira vez era uma menina de 2 anos que começava a falar, escolhi-a como minha irmã, por isso, sou tão exigente com ela.

-Por aí Lia. -Falei e ela me olhou sorrindo. Ela é tão feliz que às vezes eu tenho inveja de não ter essa felicidade.

- E essa pasta?

-Não te interessa.

- Nossa Grace, você está tão sem graça! Cadê a felicidade? Você está indo embora? - Ela me olhou triste pela minha tristeza que parecia transparecer no meu rosto e no meu olhar.

- Não interessa! - Continuei andando. Deixei-a bastante triste, é a única que é próxima de mim, ela e mais ninguém. Pode-se chamar isso de medo, raiva, rebeldia, revolta ou até mesmo trauma. Eu já ouvi todos esses adjetivos, a cada proximidade, uma palavra é um adjetivo desses.

Ela seguiu-me correndo e deu-me um abraço de trás, eram tão alegres aqueles abraços. Me sentia tão amada, tão segura.

- Vou sentir tua falta!

- Agora vou para o posto de onibus. Vou a Luanda à procura de meus pais.

E ela segurou-me na mão e deu dois passos para frente.

- Vamos! Te acompanho até o posto de onibus.

Ela olhou para frente e sorriu. Ela é tão linda, seus olhos azuis mudam de cor frequentemente brilhando ao sorrir, seus cabelos loiros tão lisos e sedosos. Eu sabia que ela continuaria daquele jeito assim como o orfanato, nada mudaria, quando olhei tive vontade de chorar. Morei ali tanto tempo, tive tantas lembranças legais.

Chegamos no posto e entramos. Me dirigi até um pequeno banco onde dava de frente para a sala de embarque, me sentei e Lia ao meu lado.

- Você está feliz?

- Sim Lia, eu realmente estou feliz. - Ela estava triste e baixou a cabeça. Me preocupava bastante com a felicidade dela mas eu não podia deixar de fazer isso, quem sabe até as coisas melhorariam e ela depois viesse morar comigo.

- Eu prometo que em 10 dias eu volto. E se as coisas forem boas venho e vais morar comigo... - Não tinha terminado de falar e ela me interrompeu...

- Verdade?!

- Claro que sim, eu te amo muito.

Pouco tempo depois meu onibus foi anunciado. Faltavam apenas 5 minutos para partida. Olhei para Lia que já estava chorando antes mesmo de eu falar algo. Queria poder ficar com ela mas não dava, apenas segurei-a para não chorar e dei-lhe uma pulseira, em um momento ela sorriu e se levantou abraçando-me e eu abracei-a ainda mais forte. Não disse nada apenas deixei as lágrimas escorrerem.

- Se cuida, ouviu princesa! - Dou-lhe um beijo na testa.

- Estou te esperando!

Entrei para sala de embarque sem olhar para trás, seria muito difícil viver longe dela. Mais uma dor.

Subi no ônibus e sentei ao lado da janela, necessitava ver a minha cidade. Escorei minha cabeça à janela e observei o lugar em que eu morei por tanto tempo, ficando cada vez mais atrás. Neste passo que dou, não tem mais volta, arrisquei entrar aqui, agora tenho de ser ciente dos meus actos.

Faço minha pequena oração acompanhada em seguida da reza de uma dezena do Terço, pedindo o Auxílio de Nossa Senhora.

Desta feita, meus olhos analisam a paisagem verde que surge depois de passarmos o bairro do Mutundo, a cada girada dos pneus, mais verde se notava do outro lado da janela. Meus olhos pesam desde o momento em que cruzamos o município da Cacula. Caio no sono e quando me espantei já estamos na Província de Benguela. Dei um pulo do meu banco e desci do onibus.

Consigo ver as palmeiras estendidas ao longo da rua exibindo um lindo brilho de se apreciar pela claridade que os postos emitem, e não consigo distinguir precisamente em que município desta província nos encontramos. É a primeira vez que venho para aqui, aliás, é a primeira vez que saio da Huíla com direcção ao norte, e lamento que tenha chegado aqui de noite, há um tanto belo que se observar em Benguela. Queria comprovar a magnífica beleza que os livros

descrevem desta cidade, as revistas preponderantes realçando o seu potencial turístico e os jornais incentivando o socialismo do mesmo.

Na verdade, fiquei tanto tempo mergulhada no sono que não consegui apreciar o que de belo a natureza tem para oferecer. Estico as minhas pernas que apanharam câibra umas três vezes durante a viagem, já é noite, contudo a viagem continuaria com outro motorista.

Alcanço o pacote de bolacha na minha pasta e pego a garrafinha de água que repousa no meu colo. Uma viagem não se faz de apenas cereais mas eu não tinha dinheiro suficiente de gastar antes de chegar a Luanda. Estou consciencializada que não será fácil minha estadia naquela cidade, nem conforto de onde dormir terei, mas de momento só me importa chegar lá e depois veremos. *Basta a cada dia a sua preocupação*, para anteciparmos mais outras ao dia.

Oiço um grunhir ao meu lado e, logo desvio o olhar da janela para a senhora sentada ao meu lado.

- Nós mais velhas já não aguentamos essas longas viagens de onibus. – A senhora reclama levando as mãos para cintura e fazendo um empurrão do corpo para frente numa tentativa de aliviar a dor cómoda pelas várias horas sentadas.

- Entendo. – Exibo um sorriso franco. Para falar a verdade, não sou muito comunicativa.

- Está viajando sozinha?

Minha cabeça baixa consternada com a pergunta. Minha resposta não passa pela minha garganta, fico processando em minha mente o quanto falar a verdade poderia ser prejudicial para mim nesta viagem, a senhora pelo semblante moralista que tem, me denunciaria na próxima paragem que parássemos.

- Não! Minha tia está lá atrás.

De todas as possibilidades que havia, nenhuma saia a favor de uma garota de 13 anos viajar sozinha, nunca em tempo algum me permitiriam avançar.

- Tenho aqui um pouco de batatas fritas e carne grelhada. – A senhora estendeu uma tigela ao meu lado.

- Não é preciso, obrigada. – Nego a gentileza da senhora.

- É preciso sim. Só te vejo comendo bolachas. Aceita como um presente de viagem.

- Obrigada. – Pego a tigela de suas mãos. Estou sempre andando com o meu álcool em gel para momentos como estes que não tenho como lavar as mãos. No orfanato dizem que tenho fobia por higiene das mãos, mas fazer o quê, apeguei-me desde cedo pelos cuidados a ter com as mãos.

- Sua tia deve ser uma irresponsável. – Olho incrédula para senhora. – Te deixar fazer uma viagem sem algo digno de pôr no estômago é muita falta de atenção.

- Não temos dinheiro suficiente.

- Então que te deixasse em vez disso.

- Não teria com quem ficar.

- Poderia comprar alimentos nutritivos em vez de gastar dinheiro com bolachas. – A senhora empina o nariz e os lábios. – Não me mostraste onde tua tia está.

A senhora ao meu lado é tão intrometida que por um momento teria dado uma resposta grosseira se não fosse de idade avançada. Esse cisma sobre minha tia só vai me causar mais problemas, como vou explicar a ela quem é minha tia neste autocarro se na verdade estou sem ninguém.

Percorri com os olhos pela frente e trás do autocarro, procurando alguém que poderia se encaixar ao perfil de minha tia enquanto os olhos atentos da senhora ao meu lado estavam em mim, só então pude perceber a maciez de sua pele negra que combinava com os cabelos curtos pretos

cacheados nas pontas. A solução apareceu como um vento leve no rosto, pondo o fascínio fresco.

- Você pode, por favor, diminuir o volume desta tua música.
- Uma senhora também de certa idade fala com uma jovem que senta ao seu lado à três poltronas ao oposto do nosso assento. - Vai fazer-te mal.

- Os ouvidos são meus. - Rebate a jovem com o tom seco.

- Mas neste momento também estás a incomodar-me pelo volume alto.

- Paciência! - Dá de ombros.

- Quanta malcriadagem. - A senhora balança negativamente a cabeça.

Já incómoda, levanta-se pedindo em voz alta a troca de lugares. Ninguém no autocarro se pronunciou. Percebo que a senhora ao meu lado também está atenta à cena da senhora e da moça, e encaro isso como uma oportunidade para fugir do interrogatório ao meu lado...

- A senhora pode trocar comigo. - Falo sem pensar duas vezes.

- Estou sendo um incómodo? - E como estás sendo.

- Claro que não, apenas quero ser gentil com a senhora. - Aponto para a senhora que pega suas coisas do banco que estava até então ocupando.

- Como você é nobre. - A senhora ao meu lado fala levando uma mão para os meus cabelos.

Sorrio olhando de soslaio para ela antes de me levantar e caminhar para junto do assento onde ocuparei. Deparo-me no corredor com a senhora com quem fiz a troca.

- Muito obrigada, minha filha. É bom saber que ainda existem crianças educadas.

Minha resposta foi um sorriso e oiço alguém bufar com os lábios. É a moça com quem dividirei o assento. Ocupo o meu

lugar agora distante da janela e viro minha cabeça para a moça de postiços castanhos trançados até as costas, tem uma pele clara e os olhos castanhos-claros, a sua boca é enfeitada com lábios carnudos.

- Você é a corajosa que decidiu vir sentar comigo. – Afirma com um sorriso de deboche.

- Vim porque acredito que a senhora deveria passar as poucas horas de viagem que nos faltam sossegada. – Meu tom é firme. – Considerando que já é de idade avançada.

- Então você quer passar o resto da viagem longe do sossego?

- Quero terminar a viagem sossegada tal como comecei.

- Não sei se sentando ao meu lado terá sossego. Fico cantando de minuto a minuto. - Eu te ignoro e pronto. Nossa viagem será sem problemas. – Rebato.

- Se dizes. – Dá de ombros.

Não se passaram nem cinco minutos quando ela começou a cantar em tom alto. A sua voz é grossa e desafinada, parece que está a gritar em vez de cantar. Tento me manter calada para não esbanjar minha irritação, seu canto é uma pedra que bate nos meus tímpanos.

Deito-me no encosto do banco buscando em minha mente momentos saudáveis que me façam ficar alheia ao que acontece ao meu lado. Em primeiro penso no orfanato, na Lia, nas meninas e não tardar estou viajando pelas lembranças agradáveis em minha mente. As cenas passam como se estivesse vendo um filme, em alguns momentos até chego a botar sorrisos.

- Estás a ignorar-me mesmo.

Volto minha atenção para a pessoa ao meu lado. Dou de ombros perante a sua afirmação e volto a encostar minha cabeça no assento.

- Sou a Ina. – Fala.

- Graciela.
- Nome bonito.
- Obrigada!
- Viajando sozinha?

Por Amor de Deus! As pessoas hoje decidiram pegar no meu pé sobre quem me acompanha na viagem.

- Não. – Digo desviando os olhos do seu rosto.
- Mentirosa. – Fala
- Não estou mentindo.
- Estás sim. – Fala sem desviar os olhos da paisagem fora do vidro. – Eu também estou viajando sozinha.

Por essa não esperava.

- Isso não tem importância. Terá alguém me esperando lá.
- Minto.
- Bom para você.
- E o que vais fazer em Luanda. – Questiono.
- Sou cantora. Estou indo atrás de oportunidades. – Fala dando um pequeno sorriso.
- Que tipo de músicas cantas? Fico curiosa.
- Rap, meu estilo. – Deslizo meus olhos para o seu corpo e vejo as roupas que está trajando. São mesmo a estilo de uma admiradora de rap. Calças rasgadas, blusa lacoste e ténis pesado. Ela parece ter uns 18 anos, não tão mais velha, porém mostrava já ser maior de idade.
- Espero que consigas. – Torço por ela.
- E o que você vai fazer em Luanda? - Diz me olhando. – Você é muito pequena para ficar viajando por aí sozinha.
- Vou visitar alguns parentes. – Limito-me a responder.

Ela balançou a cabeça em sinal de concordância. Logo agradei por estarmos em época de férias ou não teria como me esconder de tantas perguntas.

O restante da viagem fizemos uma rotineira entre conversas animadas dos mais variados assuntos e gargalhadas contagiantes. Em tempos, alguns também pareciam interessados em participar dos nossos debates principalmente quando Ina e eu estávamos dispostos de ideias divergentes e ninguém dava e nem daria o braço a torcer, nesses momentos vinham auxílios com opiniões divergentes deixando assim o ambiente de viagem um pouco mais aconchegante.

O autocarro parou na estação de Luanda poucos minutos da hora 14. Desci já tonta em ver a tamanha confusão instalada neste espaço de desembarque, meu primeiro impulso foi agarrar forte a minha mochila, talvez pelo instinto martelador que girava em minha cabeça gritando a toda força: *cuidado, perigo*.

Senti mãos pegando os meus ombros, rapidamente meu corpo reagiu chamando assim o estado de pavor, não havia ninguém nesta cidade que poderia me conhecer para poisar uma mão em meu ombro como se me reconhecesse de algum sítio. Viro-me depois de cogitar a possibilidade de correr, ninguém em pleno juízo se atreveria a correr no meio dessa multidão, seria apanhada tão facilmente ou confundida com um assaltante.

Meu coração desacelerou quando os meus olhos encontraram o rosto já familiar da Ina.

- Você quer me matar de susto? - Pergunto levando uma mão até o peito. - Achei que fosse um gatuno.

- Gatuno não te pega carinhosamente. - Fala dando um grunhido breve. - Esse é o momento em que nos separamos. Você um prazer conhecer-te!

- Igualmente. Espero que consigas alcançar o que tanto desejas. - Boto um sorriso.

- Obrigada! E para você, espero que aproveites as férias. – Não tenho tempo de responder pois ela vira-se para seguir o seu caminho, porém apenas dá dois passos e volta-se novamente para mim. – Se encontrares um produtor musical por aí, me dá um sinal!

- Como? Se não tenho o teu contacto! – Cruzo os braços.

- Pesquisa pela Ina RB.

- Ok!

- A gente se vê por aí.

Sem mais dizer uma palavra, ela seguiu o percurso que tivera interrompido. Fico olhando para ela, em como fica mais distante e pouco a pouco desaparece no meio da multidão. Meu suspiro sai cansando, vejo outras pessoas seguindo a mesma direcção de Ina, indo para fora da sala e percebo que também tenho que partir.

Ao contrário do que disse a senhora de pele macia e a Ina, eu estou viajando sozinha e não tem ninguém me esperando aqui em Luanda. Estou tão sozinha como um camelo no deserto. Não fazia ideia de que direcção seguir, ou nem sequer tinha noção em que parte da cidade estava, a única é de que estou no município de Luanda.

...

Andei na cidade de Luanda durante toda tarde e logo anoiteceu, acenderam-se as luzes iluminando as ruas que ficaram ainda mais esbeltas do que já eram, nunca pensei que apreciaria tão bela vista.

Estava com pouco dinheiro, por isso, preferi não gastar em uma pensão ou num hotel; fiquei sentada em frente de um apartamento esperando que por bondade ou por sorte, alguém me desse um teto para dormir. As horas passaram e já eram 22h e logo percebi que tinha de arranjar um lugar para dormir; olhei para esquerda para direita e não achei nada. Passando alguns minutos vi um menino que se ia juntar a um grupo de dois meninos, deitaram por baixo de

uma árvore num papelão. Percebi que essa também seria minha vida, cheguei perto deles, peguei um papelão e dormi.

Por isso acordei aqui, cercada de lixo, insectos e lama. Tornei-me uma menina de rua, porém, em situação muito diferente da que muitos poderiam imaginar!

1º DIA

Tenho consciência de que esta será minha nova realidade durante os próximos 10 dias, viver na rua, mas ainda não tinha assimilado, custava-me aceitar e, não aceito, só hei-de vivê-la.

Ando de um lado para o outro naquela cidade como uma turista que pararia na primeira sedução tropical ou, como uma borboleta que voa, voa, voa e depois do voo pousaria na planta mais bela que encontrasse e ali estaria tudo que sempre procurou.

A comida era bastante cara e o meu dinheirinho não chegaria para as três refeições, peguei uma parte do dinheiro e comprei um Hambúrguer e um frasco de sumo para meu pequeno almoço. Não é isso que eu estou habituada a comer, já é hora de eu perceber que as coisas seriam diferentes e tudo tinha de mudar. Deliciava glotonamente o Hambúrguer quando em um movimento rápido, um menino alto morador de rua tirou a minha pasta, tentei segui-lo e ele atirou a pasta para mim, mas levou o dinheiro. Acabei de ficar sem dinheiro, agora tinha ficado ferrada de todas as maneiras. Tinha de procurar sobreviver.

Como se já não bastasse todo esse desespero, um carro passa e me joga lama:

- Você me sujou!

O moço tirou a cara para fora e fez uma careta. Fiquei toda suja, não tinha como tomar banho. O desespero estava começando a tomar conta de mim, fiquei encostada numa parede sentada pensando no que faria.

Tudo ao redor parecia-me estranho, e em certo era-me estranho, estava na Capitania de Luanda, a cidade mais populosa de todo o país. Não estava habituada em ver tantos pedestres e automobilistas, a locomoção aqui era difícil, meus olhos percorriam tudo ingenuamente, em nada me fazia lembrar minha calma, bela e relaxante Huíla, estava

menos de uma semana fora dela e já começava a sentir as pontadas de saudades. Queria voltar e sentir o seu ar fresco batendo no meu rosto, ver os planaltos e as montanhas próximas a mim, andar tranquilamente em uma rua, comer os seus habituais pratos cheios de verduras... Hum! Quem dera. Mas eu não podia nem deveria voltar, eu tinha embarcado em uma viagem decisiva para mim, eu procuraria meus pais. Não saí da Huíla para desistir. Desistir não é opção. *Me agarro com força na minha Fé em Deus! Sei que todo o caminho que eu trilhar, Deus Estará comigo, e no tempo certo, Há-de Pôr-me diante de meus pais. Eu creio!*

Devo ter ficado tempo suficiente sentada, olhando para o além em uma situação desesperadora para que alguém notasse e chegasse até mim de forma acolhedora. Um senhor alto, robusto de aproximadamente 30 anos, veio ao meu encontro revelando um sorriso verdadeiro, humilde e acolhedor, contudo, seus olhos não revelavam o mesmo, neles pude ver preocupação, tristeza e em algum momento, poderia afirmar que vi uma incerteza neles.

- Menina, está tudo bem contigo?

Suas poucas e nobres palavras passaram-me uma rápida confiança, podia confiar nele, seus olhos diziam-me isso, mas não me entregaria facilmente a confiar em alguém, seguiria a risco o ditado popular: "Quem vê cara, não vê coração". Por isso fitei-o durante alguns segundos e baixei a cabeça, não disse nada. Em verdade, estava procurando fôlego dentro de mim para explicar minha amarga e complicada situação.

- Eu só queria ajudar-te, aparentas-me não estares bem. O homem falou de novo, talvez intrigando minha ausência de palavras. Desta vez além de olhá-lo, mostrei-lhe um sorriso. Ele era bom, e não merecia minha antipatia.

- Eu estou perdida! – Forcei as palavras a saírem, tinha de dar um balanço para responder as possíveis e sucessivas perguntas.

- Perdida? Como? - Sua voz e seus olhos demonstravam uma perceptível preocupação, acompanhados de um abraço solidário.

- Bem... – Comecei a falar, resumidamente lhe expliquei minha história e minha trajetória até Luanda.

Ele apenas ouviu balançando a cabeça em concordância, e de vez enquanto olhava-me surpreso, fazendo transparecer uma tristeza pelo que eu contava.

- Esta cidade é perigosa. – Foram suas primeiras palavras após ouvir minha história.

- Lembro-me de ter visto e lido sobre isso em jornais. – Falei com o intuito de amenizar seu semblante horrorizado.

-Eu gostaria de poder ajudar-te, oferecer mais ajuda mas eu não posso, infelizmente minha situação financeira não é boa, minha residência não é estável. – Ele falou cabisbaixo, demonstrando uma real sensibilidade pelo meu caso.

Fiz o que de antemão ele tivera feito quando ouvira minha história, balançar a cabeça em concordância. Não podia culpá-lo por sua situação, nem por não poder ajudar-me, e de certa forma, ele ajudou-me um punhado em conversar comigo, necessitava de alguém para falar, mesmo que fossem apenas duas ou três palavras. Também não poderia esperar que um estranho me alojasse em sua casa como se eu fosse a única menina de rua.

Minha história não é a primeira e não será a última, numa dessas, ele encarará novamente a confiança e verá o brilho ingênuo de sonhar.

- Mas sabe o que eu posso fazer por ti?

Fiz uma expressão interrogativa, não entendendo o que ele dizia.

- Posso levar-te no local onde trabalho e fazer-te companhia enquanto organizas as ideias para a tua trajetória. – Disse expectante.

Não queria desapontá-lo, nem tampouco tirar suas expectativas. Caminhamos durante aproximadamente 10 minutos até atingirmos um belo restaurante. A sua parte externa nunca demonstrará a tamanha beleza que seu interior tem.

Tudo adornado, texturas finas e lisas contrastavam com as rígidas e pesadas do seu externo, apresentadas em três cores: azul, branco e vermelho.

Era uma divisa de três blocos: uma mais aberta e natural decorada em azul, dava as boas-vindas para quem entrava; outra era um total oposto da primeira, só havia luzes artificiais, a porta é estreita que difere bastante das outras por serem amplas. Esta apresentava mais sigilo, um lugar perfeito para quem deseja fazer uma refeição tranquila, distante de olhares e do costumeiro barulho de Luanda.

Entre ambas, havia uma outra sala, decorada especialmente com branco como que para neutrar as suas vizinhas azul e vermelho. Possuía um total clarão do sol, era mais espaçosa e confortável, os seus móveis apresentados em madeira branca davam esta sensação.

- Por quê a Sara e o Henrique ainda não chegaram? Daqui a pouco temos que abrir o restaurante e está todo sujo.

Essas foram as primeiras palavras que ouvi logo que cruzei a porta de vidro típica de lugares como este. Pronunciadas por uma senhora alta, de pele clara, cabelos longos e lisos prendidos em um perfeito coque. Elegante com sua aparência fina, seus olhos eram altivos e suas atitudes cheiravam a arrogância.

- Se a senhora quiser eu posso limpar! - pronunciei-me na tentativa de conseguir este "biscato".

- Você está nojenta e queres limpar o restaurante?

- Por eu estar suja não quer dizer que eu não saiba deixar locais limpos. - As palavras escaparam da minha boca de forma desafiante. As pessoas não podiam simplesmente

menosprezar os outros por serem de classe inferior, a diferença faz o mundo, e o trabalho, dignifica qualquer um independentemente de sua profissão.

Ela ficou boquiaberta, surpresa com minha atitude. Segundos depois comecei a arrepender-me das palavras ditas à pouco, eu precisava daquela chance de trabalhar por um dia para poder me alimentar. Não aguentaria caminhar com fome sem nem sequer ter posto um pingote de água na garganta. Desviou seus olhos de mim para olhar rapidamente no restaurante e, em seguida voltou-se mais uma vez para mim:

- O que você quer em troca?

- Comida! – O moço que me trouxe até o restaurante, lançou-me um olhar duvidoso. Como se o que eu pedisse fosse o mínimo para o esforço que faria. Em minhas condições ninguém exigiria muito, ser aceite já faria o dobro dos favores.

- Depois de limpares, dou-te a comida. – Empinou o nariz olhando-me de cima abaixo e de baixo a cima. A senhora mais uma vez olhou-me com nojo, queria humilhar-me e de certa forma conseguiu! Seu olhar por certo momento rebaixou-me, quase enviou-me a naufragar em ondas de saudades e em pensamentos de retorno.

Quem dera que ela fosse tão generosa como o gerente do restaurante que me olhava simpaticamente. Já estava na fase de sobrevivência, não tenho que me preocupar com que as pessoas falem, só tenho de sobreviver. A seguir deu-nos as costas caminhando em direcção à sala vermelha.

...

As minhas colunas reclamavam de tanta dor, era muito para uma só pessoa. Em termos normais, a senhora nem sequer deveria oferecer-me um trabalho, realçando que sou menor de idade. Em Lei, isto é exploração infantil. Um Crime. Mas é tanta petulância por parte dela, se importa tanto em

ganhar dinheiro que esquece as Leis. Não olha a quem passar por cima para simplesmente se satisfazer.

Qualquer um tiraria em primeira estância uma avaliação negativa dela, afinal, todo seu aparente é negativo. Deve ter algo positivo dentro de si, porém não demonstra, pelo menos não para a classe baixa.

- Está aqui sua comida! - Disse o senhor que me acolheu, e por sinal, gerente do restaurante, olhando-me sempre com ternura e um sorriso brincando em seus lábios.

- Obrigada, senhor! - Respondi tão entusiasmada, senti saudades de comida de verdade até parece que fiz uma eternidade sem prová-la. Agradeço a Deus pela comida.

- Aproveite, Bom apetite! - Falou retirando-se.

Vinham lembranças daquelas comidas saborosas que a Lara fazia para nós lá no orfanato. Vieram as lembranças e soltei risadas, como sorrindo. É relaxante sorrir, é relaxante lembrar, é relaxante...

- Olha aqui sua suja: já terminaste de comer é melhor pegar na vassoura e começar a varrer. - Essa voz tirou-me do meu desvario, fazendo-me erguer rapidamente a cabeça.

Como dizem "a alegria do pobre dura pouco".

- Mas nós não tínhamos combinado isso. - Respondi de cabeça baixada enquanto a senhora marreta me fitava.

- Um prato desses vale muito dinheiro. Varrer só uma vez não paga nada.

Essa cidade era bem diferente, lá na Huíla toda gente é generosa, aqui são todos marrentos, ambiciosos. Estava claro que conheceria novas realidades, lados da vida que ninguém nunca fez a mínima de me contar. Eu tinha meus hábitos, cultivados na simplicidade do ambiente em que cresci.

De todas as opções que tinha, nenhuma me levaria à fuga ou a sair isenta do restaurante sem problemas. Se fugisse,

ela poderia chamar a polícia e afirmar que roubei no restaurante com o argumento de que nunca trabalharia com uma menor de idade.

Sem ânimo varro o restaurante e limpo-o até as 5h da tarde. Já não tinha forças para continuar e ainda teria a árdua tarefa de procurar um lugar para dormir.

- A dona disse que era só para eu dar-te almoço e nada mais.
- O gerente falou quando eu já estava na porta, pronta para sair do restaurante. - Mas eu não acho justo que limpes essas horas todas e te dê tão pouco. Por isso, guardei essa sacola para ti. - Sempre gentil. Não tinha como lhe agradecer. Nessa altura as palavras me faltaram. Direi a singela frase.

- Muito obrigada, senhor. - Ele surpreendeu-me, se toda gente que cruzar o meu caminho for assim, com certeza encontrarei meus pais muito rápido.

- E tens onde dormir? - Perguntou preponderante.

- Não! - Fiquei meio envergonhada.

- Podes ficar aqui no restaurante, temos um depósito que ninguém usa.

Tamanha fraqueza obrigou-me a deixar meu orgulho, não tinha outra opção a não ser aceitar. Vi-me mais uma vez a voltar para trás, visto que já estava com a mão na maçaneta para dar seguida no meu caminho.

Atravessámos as três salas e vi-nos a caminhar por um longo corredor espaçoso e com muita iluminação. Pela limpeza e organização do mesmo, pude constatar que a sala da gerência ficava neste espaço. A porta semiaberta que mostrava a parte de uma sala totalmente organizada como que de escritório de chefe confirmava tudo.

As duas últimas portas que passamos antes de atingirmos o depósito, embora fechadas, pude notar que são privados dos funcionários.

Franzi o cenho assim que o gerente abriu a porta em minha frente. O depósito é sujo, sem iluminação, parecia um esconderijo de ratos, cheio de caixas, aparelhos... Minha nossa, só por hoje que eu aceito, de qualquer jeito não me deixariam dormir aqui de novo.

Só precisei colocar minha cabeça no travesseiro duro que o Gerente me ofereceu, que as lembranças começavam a circular em minha mente. Tentei passar por elas, porém, fiquei nostálgica ao lembrar do dia em que completei 10 anos. A Lia ficou toda atrapalhada sem saber o que me oferecer, em solução, deu-me um abraço daqueles que somente ela sabia dar, e a tia Helena ofereceu-me um cordão com a sigla AD²:

- Graciela já estás crescendo e sinto que é hora de te dar isto. – Esticou suas mãos para mim.

- O que é?

- Estava contigo quando te encontramos, presumo que sejam de teus pais, assim te sentirás mais ligada a eles.

A sigla deste cordão tem um toque especial. Foi posta ali propositadamente, um colar feito ao estilo de quem o receberia, como se fosse um símbolo. Este pode ser minha principal chave para abrir a porta onde estarão meus pais.

Por mais dolorosa que seja a jornada, eu tenho que persistir. Já dei passos largos e importantes desde que esta ideia de procurá-los brilhou sobre meus pensamentos, os passos que eu der a retaguarda não preencherão o largo espaço pisado.

Estava ainda em meus pensamentos quando um grande barulho nas caixas me assustou. Meus olhos finos abriram-se demonstrando medo e angústia! Pode ser tudo: Ratos, lagartixas lutando, uma caixa que não estava bem posta, cobras pesadas ou morcegos que saiam dos esconderijos.

Cogitei logo essas ideias mertolengas, me apeguei à lógica de ser uma caixa mal posta. A noite seria bastante longa.

2º DIA

O sol já tinha levantado nesta bela cidade, estava tão belo e suave que inspirava confiança e certeza, é assim que eu esperava que esse dia fosse, melhor que o de ontem. Saí discretamente do depósito e fui à rua. A Lia sempre me dizia: "Cada dia é um novo dia". Estas sábias palavras são meu elo de esperança, meu escudo de vitória; Palavras simples que resumiam o de mais importante: Fé e Esperança. Estas palavras me motivam a continuar.

Desta vez não tive a sorte de alguém dar-me comida, pus-me com fome na rua, caminhando sem destino rumo ao desconhecido. Estava a procura de meu pai que se chamaria David, David quê? Não sei! Não sei seu sobrenome, sua residência, não sei nada. Existem milhares de David aqui em Luanda, talvez nem esteja aqui, esteja noutra cidade, noutro país até mesmo noutro continente. Eu só tinha que encontrar a senhora Jennifer e pesquisar quantos David ela conhece.

- Ei menina!

Hummmmmmmmm

- Estou falando contigo. - A voz feminina voltou a soar atrás de mim, depois de atirar uma pedrinha nas minhas costas.

- O que queres? - Voltei-me girando sobre os calcanhares e olhei fixamente na garota que parecia ser uma kudurista. Trajava roupas extravagantes, licenças aos olhares alheios, contando com o seu pesado sotaque agressivo.

- Quero teu dinheiro!

- Não tenho dinheiro. - Respondi virando-me para dar partida.

- Não acredito! - A garota empurrou-me pelo peito, depois de um jeito rápido aparecer em minha frente, impedindo-me assim de passar.

- É a verdade, se quiseres, podes vir minhas coisas... – Ainda falava quando ela bufou, puxou-me pelos cabelos de forma apertada e então com a cara próxima a minha sibiliou:

- Então que fazes aqui? Não sabes que essa zona é proibida?

A probabilidade de eu adaptar-me a esta cidade, está cada vez mais baixa. Não me coube aceitar que aqui grupinhos tinham zonas.

- Estou de passagem! - Retorqui pedindo mentalmente que ela me soltasse.

- Você não é daqui. O teu sotaque é diferente. – Analisava cuidadosamente cada centímetro do meu corpo.

- Como já disse, estou de passagem.

- Até que gostei de ti, porquê você não vem comigo? – Largou o meu cabelo, e começou a massaja-los numa tentativa de endireitá-los.

Por ela ter me feito esse convite, notei o quanto era perceptível o meu estado desamparado. Qualquer um que cruzasse comigo certamente perceberia de primeira análise o meu desamparo.

Olhei para ela que me respondeu com um sorriso amistoso. Esticou o braço para que servisse de apoio para eu poder levantar, só assim reparei na tatuagem de águia que tinha em seu braço. Ela parecia ter cerca de 20 anos de idade, e não vou negar a pitada de tristeza que senti ao ver que ela era tão nova e já estava nesse mundo de malandrines, de bandidagens. No final ela foi amável comigo, achei-lhe mais uma garota que procurava sobreviver, e é por este motivo que aceitei ir com ela.

- Ei pessoal! Temos uma convidada hoje. - Ela gritou assim que abriu a porta de uma pequena casa, depois de termos trilhado um leque de becos, cada um mais estreito que o outro. Era como se estivéssemos descendo uma montanha, os constantes buracos e pedras que dificultavam nossa caminhada davam-me uma dor quase que crescente nas

pernas. O suor logo começou a aparecer como resultado do sol ardente que pairava sobre nós.

Dei uma olhada na casa e vi seus poucos moveis, pelo pouco que observei, percebi que possuía quatro compartimentos: uma sala, dois quartos e uma cozinha. O quarto de banho de certeza que estava fora, já que estava inserida num quintal com vários anexos, típicos do nosso país.

- Quem é ela? O que faz aqui? - Perguntou uma garota rafeira, com os olhos vermelhos e um cigarro na mão. Só então percebi todos me olhando, com as testas enrugadas, juntando os cenhos, tornando perceptíveis as feições que demonstravam: interrogação.

- Nem perguntei o nome dela! Como te chamas? - Perguntou-me a mesma garota que me trouxe até aqui, com as mãos poisadas na cintura e os olhos expectantes voltados a mim acompanhados de um sorriso simples. Era como se quisesse passar-me segurança com aquela posição.

- Graciela. - Respondo atordoada pelo cheiro de cigarro. Como pessoas tão jovens poderiam cair assim nas drogas? existe uma vida bem melhor que essa. A vida do bem, da paz, das virtudes, a vida do Amor.

- Tem nome de gente mimada. - Vociferou um rapaz de cara marreta e cheia, parecia ser o líder do grupo.

É bem fácil para as pessoas julgarem sem conhecerem. Ele chamou-me mimada, se soubesse onde cresci, as angústias que vivi, decepções que encontrei, com certeza não me criticaria. Fui abatida por muitas palavras que faziam cair, chorar e desistir de sonhar. Mas felizmente, eu levava a fé em Deus dentro de mim. Enquanto houver vida, haverá Esperança.

- Ela pode ser útil. - A garota voltou a falar em tom de protesto aos gestos dos companheiros. - Aqui nos chamamos por números. Eu sou a 17, o rapaz que te chamou de mimada é o 23, esse loirinho que está ao lado do 23 é o 8, o de cabelos compridos é o 30 e ela é a 7.

De certeza que estes não podiam ser mais loucos! Chamam-se por números, até parece uma gang de malfeitores, e poderiam ser: com as caras todas cheias de piercings, com cigarros e bebidas alcoólicas, a sua indumentária e onde moravam deixava a desejar. Pareciam mesmo uma gang se escondendo.

- Bem-vinda. - Saudou-me o 8. - Espero que gostes de estar connosco. - Ele também pareceu amigoso enquanto falava gesticulando com os braços.

- Obrigada. - Respondo baixando o olhar para quando levantar deparar-me com os olhares da sete presos em mim, continham uma necessidade abruite de me esmurrar.

Quando aceitei ficar com eles nunca pensei que fossem pessoas tão más, pensei que simplesmente eram jovens e adolescentes com carência emocional. Apeguei-me nessa ideia mesmo com os pesados alertas da minha consciência.

Não queria julgar o livro pela capa, contudo, eu bem sabia que há livros que só pela capa já demonstravam o que encontrar no conteúdo. E estes poderiam não ser excepção, a sua capa poderia ser exactamente a mais pura demonstração de seus conteúdos e, neste caso, não era boa a capa o que implicava conteúdo ruim. A ficha, só pareceu clara no fim da tarde.

- Consegui comida. - Disse a 17 sempre sorrindo. Dava para notar que ela é a brincalhona do grupo.

- Epá, boa noticia. - Disse o 30 emocionado.

- Graciela toma essa sandes. - Falou sem me dirigir olhar, simplesmente, com o braço esticado e a sandes em sua mão.

- Ok. - A sandes não aparentava ser agradável, mas nem por isso deixei de comê-la. Fui educada desde cedo, que não se deve deitar fora comida porque há quem precise. E na situação em que estava, eu dava mais crédito a isto.

Estava sentindo veementemente o que é querer comer e não ter alimentos à disposição, olhar e ver contentores de lixo e

migalhas de comidas que satisfariam alguém; esse pensamento me veio à mente, fazendo-me voltar até de manhã cedo quando saíra do restaurante, minutos antes da 17 encontrar-me, eu caminhava olhando alguns meninos de rua procurando comida nos contentores. Alguns encontraram o que parecia ser suficiente, porque a forma deliciada que comiam mostrava o quanto ficavam empanturrados, e logo as gargalhadas de quem saciara a fome preenchiam os seus arredores.

- Tens de trocar teu nome. - Disse o 23, fazendo meus pensamentos aterrarem. - Se vais ficar connosco também tens de ser chamada por um número.

- Ela só muda se for leal e fazer tudo bem hoje! - Exclamou a 7.

- Eu não penso em ficar muito tempo. O que vai acontecer hoje?

- Espera e verás garota.

Nesse momento comecei a me perguntar aonde fui me meter?!

- Tiros, são tiros... - Grito.

- São os caras da outra rua, eles querem o dinheiro! - Disse o 8 coçando a nuca.

- Vamos resolver isso. - Disse o 30. - 7 leva a garota nova para o quarto.

Pegou-me como se eu fosse uma refém e nos dirigimos para uma porta à esquerda, quando a abriu, atirou-me na cama, olhou-me como quem diz: " Fica aí e não sai". A 7 não gostava de mim, me odiava, isso estava bem claro e evidente em seus olhos.

Os tiros assustaram-me e eles levavam isso na normalidade como se já estivessem habituados a essas situações enquanto eu temia pela minha vida. E se isso é normal para

eles para mim é uma grande atrocidade, situação dessas classificam como delinquência e eu não sou delinquente.

- Queremos a nossa grana ainda hoje. - Disse o garoto de voz máscula.

- Essa noite te daremos. - Respondeu o 30.

- Hoje à noite e nem daremos mais uma chance; senão enchemos de bala a vocês todos.

- Tens a nossa palavra.

Essa conversa foi estranha, pareciam bandidos profissionais falando. E a cada minuto interrogava-me quem são eles?

Poxas... Caraças.... Ficaram a gritar de nervos, mexendo em coisas estranhas, como se estivessem preparando coisas para um assalto: cordas, máscaras, sacos, facas e armas de fogo (onde eles poderiam ter conseguido armas de fogo?). Isso seria o assalto perfeito para uma gang.

- Vamos. - Grita a 17.

- Aonde? - Pergunto estranhando a situação.

- Só tens de nos seguir e usar isto!

- Uma máscara? Para quê?

- Usa e não faz mais perguntas.

Ela estava má, nervosa, estressada, era melhor eu não fazer mais perguntas senão me cortam a garganta.

Assim como todas as coisas, a amizade também é binária. Em andar com um grupo só existe duas possibilidades como resultado: a primeira é você influenciá-los para seguirem o teu padrão e a segunda é eles influenciarem-te a seguir os seus padrões. Neste binário, eu estava mais inclinada em ser a influenciada.

Eram 5h da tarde já estava escurecendo e teria luar. A cidade estaria bem iluminada pelas lâmpadas e pela lua. Entramos numa loja, rodeamos ela por completo, olhavam para cada detalhe como se procurassem câmaras, em seguida foram

todos para o banheiro e começaram a pôr máscaras, tiraram as facas e armas de fogo.

Primeiro saiu o 8 que deixou cair duas garrafas de vinho propositadamente para atrair a atenção dos funcionários que foram correndo ver o que se passava, em seguida os outros saíram e entraram em acção. Começaram a dar tiros nas coisas e no tecto todos entraram em pânico.

O 23 pegou o gerente da loja travando-lhe contra a parede, exigindo que ele desse o pin do cofre da loja, foram socos, chutes e mais socos... Mesmo assim o gerente não se rendia:

- Prefiro morrer antes a dar-te o pin!

- Então vais morrer...

Pum... Bum... foi barulho de um tiro. O mesmo soou rápido e breve, em primeiro pairou um silêncio no ambiente e antes mesmo de eu deixar meus pensamentos, a multidão volta aos gritos, não acreditando na tamanha crueldade que presenciavam. O 23 atirou bem na cabeça do gerente da loja uma bala, caiu no chão, saia muito sangue, estava morto. O pânico apoderou-se de todos.

Eu não poderia nunca pensar em ser enfermeira, médica ou qualquer coisa que envolva trabalhos com o sangue, pois sempre tive um arrepio por tal coisa e neste momento minha cabeça já gira em ver tanto sangue. Agarrei-me forte na prateleira ao meu lado querendo evitar a minha queda, não é momento de eu desmaiar nem tampouco de ficar alheia ao ambiente.

Nunca pensei assistir tamanha crueldade entre os homens pessoalmente, e de forma mais melancólica ser um jovem a vitimar alguém que teria a idade de ser seu pai. Chorei silenciosamente por este homem. Rogo a Deus por sua alma.

Vinte e Três estava irritado ou mais, louco:

- Eu mando aqui! batem palmas...

Lembro-me de durante o caminho 17 estar falando sobre o controlo das emoções para o 23. Consegui perceber que ele sofre de um distúrbio psíquico há muito tempo. Pelo que tudo indica, começou depois de ver sua irmã sendo violada pelo seu próprio pai, desde aí ele assume duas personalidades. Há momentos em que ele se sente como o rei do país, o dono ou até mesmo o presidente; todos devem obedecer-lhe ou ele simplesmente mata por achar que tem o poder.

Horror, horror, horror! Minha consciência não dava descanso ao pânico.

Em seguida pegou uma funcionária de estatura baixa, cabelos cortados até o pescoço pintados num cajú leve. Falava com ela de forma carinhosa, pedindo-lhe que fizesse alguns embrulhos e, ela temendo ser agredida obedecia docemente como se ele fosse um cliente normal e ela simplesmente exercesse seu trabalho.

Porém, tão rápido ele foi gentil e tão rápido se desfez do mesmo perfil, neste mesmo momento seu juízo virou e atirou-a contra a parede, deu-lhe tantos socos e chutes que nem foi preciso ele pedir o pin, ela entregou-o rapidamente sem nenhuma permissão e dúvida:

- Não me bate mais, por favor, podes levar tudo, aí tens o pin...

- Fica calma. - Disse acariciando-a nos seus cabelos curtos e ondulados. Mas quem iria pôr o pin 507? - Disse Rindo.

Abriu o cofre e sacou todo dinheiro rindo de um jeito que amedrontava, deixando toda gente ainda mais assustada.

- Vitória... O dinheiro é nosso!

- Já conseguimos, agora temos de ir.

- O Show só está a começar 7. Vamos abrir uma garrafa de champanhe para comemorar.

- Você está doido? Vamos embora. - Vocifera 7.

- Por quê a pressa 7?

- A polícia está vindo... vamos. – 30 gritou ao lado da porta.

Outra agitação na loja, atiraram as pessoas de um lado e de outro lado, eles saíram correndo da loja, partiram todas câmaras de vigilância, excepto uma que com a pressa se esqueceram, uma que viria a complicar tudo.

Eu estava atrás de uma partileira vendo toda cena desde a hora que entramos até quando eles fugiram:

- Graciela vamos... Não fique aí parada... - Gritava-me a 17.

Fiquei paralisada com aquela situação, não era essa a vida que eu queria nem que procurava. Prefiro ficar aqui procurando outro lugar para dormir, em que esteja distante deles, das armas, dos roubos, longe disso bem longe.

Eu era o elo mais fraco do grupo, por ser assim seria de fácil influência. Mas eu não quero ser influenciada, prefiro ficar sozinha do que mal acompanhada. Pessoas erradas corrompem a essência boa, e eu não estou disposta a abrir mão daquilo de bom que podemos ser e fazer.

Esse dia foi como se eu tivesse pisado numa mina de desilusões. Eu não conhecia essa realidade, lá no orfanato nunca me disseram que o real era assim, somente conhecia o mundo das brincadeiras, da inocência não o mundo da sobrevivência, esse não conhecia. E de uma forma melancólica senti que ainda tinha muito que conhecer.

- Menina quantos anos tens?

- 13 anos. - Respondo com medo à pergunta do policial, porquê ele queria saber a minha idade?

- 14 anos e já és assaltante? Esse país está a cada dia mais delinquente. – Fala anotando qualquer coisa no seu bloco de notas. - Os teus pais?

- Não tenho. - Respondo de forma irada depois de ter me chamado de gatuna. De onde ele tirou essa ideia?

- Tua família?

- Também não tenho.
- Quem são seus responsáveis?
- Não tenho. - Não podia falar da tia Helena, eu disse que voltaria em 10 dias e tenho de arcar com as consequências, enfrentar tudo que aparecer.
- Você está presa. – Dá uma última olhada no seu bloco. – Ou melhor, serás levada para um reformatório.

Fiquei gelada como se um balde de água fria tivesse caído sobre mim. Era uma sensação de cair repentinamente num mar de águas geladas sem ter ninguém para te socorrer.

- Eu sou menor de idade, o senhor não pode prender-me!
- Aqui a lei sou eu, e você faz o que eu quiser.
- Mas...
- Mas nada, cala a boca!

Esse policial é bastante frio, até parece que não é humano, não tem sentimentos. A autoridade era ele não tinha que fazer nada, mas isso não lhe dava o direito de ofender-me.

- O que está acontecendo aqui?
- Eu sou menor de idade, o senhor policial ali me pôs presa sem dar-me oportunidade de defesa. – Respondo querendo desabar toda minha indignação.
- Eu sou David Daves, conheço muito bem as leis, o senhor não pode prendê-la. – Olho alegremente para o senhor à minha frente. É um homem alto, forte, bonito, detentor de uma pele negra achocolatada e simpático.
- Ela é de uma gang que assaltou a loja. A prova disso é o vídeo que mostra que ela entrou com eles.
- O vídeo mostra se ela levou alguma coisa?
- Não! Só o momento em que ela entra com eles. – O policial coça a cabeça.

- Isso não prova nada, pode ser uma coincidência eles terem entrado juntos. Além do mais, ela está aqui não fugiu.
- Você conhece aquelas pessoas? – Neste momento o tom que o policial usa é suave. Mudou de disco
- Não... quer dizer, eu só os vi hoje e nem sabia que eram gatunos. – Falo entrelaçando as mãos em sinal de petição.
- Neste caso o senhor pode soltá-la.
- Preciso fazer-lhe algumas perguntas.
- Na delegacia? - Grito espantada.
- Será que o senhor pode fazer aqui as perguntas? - O senhor David volta a falar.
- Claro! – Responde o policial. – Serei breve.

O policial fez-me um montão de perguntas e a metade delas eu não soube responder. Eu apenas os conhecia de um dia, não tinha como dar muitas informações a respeito deles, consegui porém, descrever as coordenadas de onde moram. Se que ainda estão lá.

O senhor David acompanhou-me durante todo interrogatório, minhas possibilidades são as de ele garantir a sua educação em não deixar uma criança sozinha defronte da polícia ou a de ele querer comprovar que o policial me soltaria no final. Seja lá qual for o motivo, estou grata a ele pela ajuda e apoio.

- Agora estás livre. – O senhor David está próximo a mim e mostra uma verdadeira emoção na voz.

O senhor David apareceu-me como um anjo.

- Muito obrigada, senhor!
- Não tem de quê agradecer. – Exibe um sorriso. – Você faz-me lembrar os meus filhos, encencas é o que se tem nesta fase da vossa idade.
- Eles têm a meia idade?

- Se você tiver 14 anos, sim.
- Tenho 13. Tendo um pai como o senhor eles devem no mínimo ser bem regradinhos. – Gesticulo de forma engraçada puxando um largo sorriso de David.
- A mãe deles ajuda nesse requisito. – O seu semblante adquire uma expressão triste.

Os minutos seguintes embarquei numa conversa divertida com o senhor David. Ele contou-me que é médico e empresário, casado e que tem dois filhos gêmeos: Meize e Damião que têm 14 anos. Pela forma que fala, percebi que cuida bem da sua família mas parece que algo o incómoda, algo que tivera acontecido há bastante tempo, são como se mistérios e desentendimentos se escondessem por detrás dos olhos castanhos e, pela forma que reagiu ao falar da esposa, tenho quase a certeza que se casou simplesmente para cuidar dos filhos.

- Vai em casa e deixa de andar com gangs.

Engraçado ele falar ir em casa. Eu não tenho casa nem gang.

- Está bem! – Suspiro. - Obrigada mais uma vez.

Levanto-me para ir embora, o senhor David faz um percurso até uma loja próxima da que foi assaltada. Esforcei meus pés darem três passos, mas a necessidade de olhar para trás e encarar mais uma vez a figura que me ajudou foi mais forte. Avancei mais passos indo de encontro à rua principal, a pitada de abandono correu de novo pela minha espinha e meu coração apertou-se no peito. Essa sensação só aparece quando penso nos meus pais, e eu não pensei neles.

...

Nessa noite choveu muito. A quem falava que a chuva era preferível para que “os miseráveis não sejam obrigados a roubar e, os exaustos famintos não pensassem em apoderar-se do alheio”!. A chuva era tanta que a cidade estava totalmente calada, sem barulho da música alta dos bares e dos casinos, sem o barulho dos carros, e a pessoa só podia

ouvir o barulho da chuva a escorrer nas estradas e a lavar as chapas. Iam as chuvas, vinham as chuvas eu continuava solitária, dormia de baixo da porta de uma lavanderia que fica defronte a uma bela casa, aguentando todo frio e toda água que deslizava das passarelas.

Enquanto eu me acostumava ao estado húmido ao ar livre, há quem está numa protecção e não consegue dormir. Vejo uma senhora andando de um lado para o outro na varanda da casa que está defronte à lavanderia em que estou alojada, ela tem os cabelos loiros longos de onde estou não consigo detalhar os contornos da sua face.

Do jeito que está, parece ter insónia ou medo da chuva. Minha carência emocional fez-me sentir algo estranho dentro de mim. Sinto uma vontade absurda de abraçar e estar sempre ao lado de meus pais principalmente nestes tempos de chuvas e nos tempos friorentos. Inclino-me em direcção à porta da lavanderia para deitar minha cabeça, minha motivação para dormir é olhar para esta senhora em sua safada.

Minhas pálpebras fecham-se lentamente e num instante estou alheia do que se passa ao meu redor.

3º DIA

"A maior parte das aves emigra. Até hoje, ainda não se descobriu a maneira como as aves se conseguem orientar nessas grandes viagens".

É assim, como me sinto como uma ave que emigra sem conseguir me orientar na viagem sem saber aonde ir. Não sabia, porém desistir nunca foi opção.

É o 3º dia na rua sem saber o que fazer. Existem milhares de David nesse país, mergulhei numa ideia maluca sem fundamentos, sem ao menos ter noção do que encontrar. Eu não queria pensar no que encontrar, porque talvez essa resposta me assuste, sendo sincera, não estou tão disposta a encarar todas as hipóteses que minha mente tanto insiste em projectar.

Por mais dura que fosse, preferia ter acreditado na teoria de Tia Helena na qual os meus pais não queriam ter uma filha. Só que lá no fundo a minha gota de curiosidade de menina, a minha inocência de criança se negavam a aceitar que meus pais me rejeitaram. E se realmente eles me rejeitaram? e se eu os encontrar, o que farei com sua rejeição?

Sacudo a cabeça cogitando essas ideias. Meu novo dia não pode começar com pessimismo. Tente e não diga que a guerra está perdida, se é de batalhas que se vive a vida, pede, tente outra vez.

O sol brilhava irradiando as plantas que riam de alegria como estrelas inocentes que ficavam no céu pela primeira vez, até as ruas pareciam prata mirrada. Positivismo a cheirar.

Com fome não podia caminhar, o meu apressado de sobrevivência já havia esgotado. Eu sei que é nojento, que eu poderia apanhar uma doença, uma infecção mas era hora de continuar em pé, sem comida não sobreviveria, não tive opção a não ser apanhar o pão que estava no chão de um restaurante. Quando ia pondo o pão na boca:

-Sua porca! Deite isso fora!

Nunca gostei de ser humilhada. Para essa gente que possui bem-estar, era bem mais fácil criticar, eles nem faziam ideia do que as pessoas na realidade passam. Sempre foi assim, a classe baixa é alvo de todas as injustiças, de todos os males, de todo o desprezo. Realmente não iria comer mais esse pão. Tirou-me a fome ou estou a dar-me de orgulhosa? Seja qual for o motivo, minha garganta se negava a abrir para este pão.

Estava totalmente fraca, não tinha forças, precisava urgentemente de comida.

- Sua feia, mimada, imprepotente...

- Mimada eu? Verás quem é mimada!

Duas garotas brigando, achando que o mais importante na vida era o que as pessoas pensam de si, por um motivo que não consigo identificar, me retenho a assisti-las. Elas trajam calças escondidas por baixo da bata branca, que caracteriza o uniforme das escolas públicas de Angola. A ruivinha, de um cabelo curto deslizado para atrás, deitou leite na cara da amiga ou rival ou amiga.

- Estou horrível?

Você não podia estar mais horrível.

- Não muito! – Digo com um sorriso forçado.

A outra garota está com tranças de postiço, cortados na altura dos ombros. Ambas ficaram trocando mais algumas palavras um tanto quanto ofensivas, por fim de uma longa briga entre as duas, a ruivinha deixou o saco de comida que levava. Ela seguiu sem olhar atrás, vi a minha frente uma oportunidade de matar a fome, afinal ficar olhando briga de garotinhas não sairia tão mal, fiquei ganhando o saco de comida da ruivinha. Dei alguns passos até alcançar o saco de comida, há frutas, sanduíche e um frasco de sumo, suficiente para uma esfomeada como eu.

- Minha comida?... Gatuna... polícias, apanham ela!

Viro-me e encaro-me com a ruivinha que voltou para buscar seu saco, meus olhos não se depositaram longos segundos por ela porque logo atrás de sua cabeça notei dois policiais se aproximando.

Afasta-te, afasta-te, afasta-te, minha consciência gritava.

Corro o mais depressa que posso, eu não podia imaginar que a garota voltaria para pegar o saco. Outra vez fugindo da polícia, roubo de novo! Daqui a pouco minha cara estará estampada em toda a cidade. Desgraçadamente, a polícia não pára de seguir-me, será que hoje vou presa?

Esse é mais um dia em que estou indo em direcção a uma encruzilhada, começo a aceitar que as encrencas farão parte do meu dia-a-dia longe do orfanato.

Quando minhas forças já estão esgotando, minhas pernas mal me põe em pé, meus joelhos enfraquecem como uma manteiga quente derretendo, não tinha esperança de fugir e nesse momento aparece um senhor como um protector que sabe exactamente quando sua protegida tem problemas, claro que um protector não aparece num carro preto de vidros fumado com dois caras marretas em frente, dando a impressão de serem seus seguranças:

- Se tu continuares a polícia te vai pegar.

- Aguento.

- Ficar sob custódia das autoridades é a pior coisa que pode acontecer na vida de uma criança.

- Não sou criança...

- Seja lá o que fores, você não tem escapatória.

- O que o senhor quer?

- Entra no carro, quero negociar contigo.

O que um senhor como este vai querer negociar com uma desamparada?

- Acredito já teres percebido que não estou interessada. – Continuo a andar.
- Estou a procura de meninos para fazerem uns trabalhos.
- Estou bastante ocupada tentando encontrar meus pais e não tenho tempo para besteiras!
- Eu posso encontrar seus pais em questão de minutos!
- O que eu ganharia por negociar contigo?
- Tecto, comida e bem-estar durante os dias que decidires ficar na rua.

O homem de óculos escuros sabe muito bem do que eu preciso, é bom em palavras, ninguém podia negar. Distrairia a atenção da policia, teria tecto, comida e ainda encontraria meus pais, esses motivos me fizeram analisar a proposta do senhor.

Eu nem perguntei como ele sabia onde estava exactamente, como sabia o que precisava e nem tampouco como sabia o meu historial se nunca eu tinha o visto.

- E qual é o negócio?
 - Preciso de adolescentes como você para fazerem um comercial durante uma festa enquanto nós fazemos o resto.
- Não entendo a performance dele, deixo de lado. Não sabia que para fazer um comercial era necessário tanta modéstia.
- Aceito pensando em tudo que enfrentei até aqui e o que ainda poderia enfrentar estando na rua, Bem no fundo sabia que estaria me metendo mais uma vez num beco de problemas mas tinha de arriscar, encontrar meus pais é meu maior desejo, teria de enfrentar tudo.

O carro começou a deslizar pela estrada, seguindo numa velocidade moderada. O carro pára depois de entrar numa propriedade privada, desço do carro com o senhor ao meu lado e meus olhos se vislumbram ao olhar para a casa

grande, linda e só pela vista confortável, tinha uma estrutura única com um jardim imenso florido e esverdeado.

Ao adentrar na casa, encontrei três meninas e quatro rapazes, também caíram no negócio, concluo. O senhor que não sei o nome queria desenvolver nossa habilidade em actuação, de forma que agíssemos tão bem que as pessoas não tirariam os olhos de nós.

- Aqui está a última pessoa que a equipa precisava. Vocês irão mudando constantemente de ambientes para novas inspirações.

- Não entendi?

- Ambientes diferentes inspiram as pessoas é como um poeta, um compositor, um pintor, em cada lugar diferente tem novas ideias, novas formas de agir. E eu quero que vocês ajam de formas diferentes, vocês são diferentes.

- Qual é o seu nome? – Pergunto já atordoada em conversar com alguém que não conheço.

- Chamem-me de Tony, meu nome verdadeiro não tem importância agora. – Fala tirando os óculos na sua cara, vejo assim os seus traços longos no rosto, olhos castanhos quase verdes, um nariz grosso e boca fina. – As pessoas conhecem-me só pelo apelido.

- Apelido?!

É assim que eu passo a me enquadrar no grupo constituído por Lujani(ama dançar mas está sempre envolvida com roubos ou pessoas de gangs), Susana(garota estressada, mal humorada, resolve tudo na briga), Carla(Sua vaidade é reconhecida de primeira, louca e divertida prá valer); Bagre(é intrínseco, o rei das brigas), Pino(miúdo maneiro, sempre sorrindo, verdadeiro comediante, aliás, simpático de ser), Seteka(vaidoso e sonhador, almeja ser um militar das Forças Armadas) e o Lau(um nerd, só pelo seu jeitinho normal deixa toda gente rindo).

A Susana, o Bagre e o Pino são irmãos, pelo que entendi da explicação de Tony durante o percurso de ida a sua casa, depois de seus pais perderem o emprego, a situação em sua casa ficou desagradável estavam praticamente na miséria chegaram ao ponto de não ter nada para comer. Uma vez seu pai chegou muito bêbado em casa e começou agredir a esposa, eles saíram de casa temendo também serem agredidos.

Desde então têm fugido do pai, cada rua, cada esquina, cada beco, era uma escuridão de sombras os seguindo. Não havia paz, não havia segurança, só medo. Foi então que o Tony encontrou-os e levou-os com ele.

Admiro-me com sua valentia e acima de tudo pela alegria e sorriso transbordante que o Pino sempre carrega, eles são de aplaudir.

Amanhã iríamos a uma escola, as coisas evidentemente estariam quentes.

4º DIA

Os alarmes fazem-me sempre confusão, parecem múltiplos barulhos acumulados num só aparelho.

- As 8h a.m vocês devem estar no Colégio Welwitchía, aí estará vosso desafio esperando-vos! - Disse o Tony com um sorriso vingativo como se a nossa ida tornar-se-ia pesadelo para alguém.

Minhas intuições sempre foram bem vistas, a caminho do Colégio Welwitchía eu só conseguia repetir silenciosamente que tudo vai ficar bem, nada faremos, nada de mal faremos.

O Colégio é artístico, soube pelo lápide que está no jardim da entrada que há disciplinas extras como literatura, música, dança e desenho. Uma escola de artes, propriedade da empresa T'MIO.

- O que vamos fazer numa escola? -Pergunta a Lujani.

- Este Colégio tem muito há ver com a empresa em que faremos o comercial.

O Tony falava suavemente com essa voz ninguém desconfiaria dele. Não tem antecedentes na justiça nem tão pouco na sociedade. Para nós ele apresentava duas personalidades que facilitava nosso entendimento perante suas acções: de um lado era o Engenheiro amoroso Tony e doutro lado era um homem sombrio que mostrava procurar vingança de algo por nós desconhecido.

- Que colégio! - Admira Susana

- Ficas a admirar de fora ou entras? - Zoa o Seteka.

Estrutura arquitectada como aquelas grandes estruturas da Inglaterra, cor incidível, esta escola é incrível. Como se fosse uma recepção, logo que entramos duas meninas nos puseram assistir cenas idiotas:

- Sai da minha frente!

- Estou passando.

De novo a ruivinha e a moreninha, iam ter que assistir mais um espectáculo delas, primeiro na rua e agora na escola. Escondi-me por detrás da Carla evitando assim ser vistas pelas duas. Trajamos uniformes iguais aos delas que são semelhantes a de todos os níveis, bata branca.

- Ou você sai ou te atiro café! - Vociferou a ruivinha. Garota mimada, insurrecta e imprepotente.

- Você sujou-me! - Entristeceu-se a moreninha. Garota muito tímida, ingénua, as pessoas parecem aproveitar-se dela principalmente a ruivinha. Chego a pensar que tem um ódio por ela desde a infância, aparenta que sempre foram colegas e que uma não aceitava a ideia de que as pessoas sempre admirassem a outra e não ela.

- E eu não notei que te sujei.

A moreninha retirou-se chorando enquanto a ruivinha e outros colegas riam dela.

O Bagre era nosso chefe, chefe da equipa, ele sabia muito bem o que viemos fazer na escola, aliás, os rapazes sabiam menos nós.

Ahhh...ummm....ratos....

Estavam todos dentro da escola gritando de pavor, havia muitos insectos e outros roedores espalhados em toda sala no colégio. Logo oiço alguém gritando que um grupo de alunos pôs para não poderem fazer a prova de História, era uma brincadeira inofensiva que facilitaria um belo desastre.

- Agora. - Grita o Bagre.

E num instante Bagre, Seteka e Lau desligaram como em circuito as lâmpadas de todo o colégio, a sua estrutura permitiu que todo ambiente ficasse escuro, a luz solar não alcançou o hall em que nós estamos e onde também se encontra uma parte considerável dos alunos. Eles sabiam o que faziam, não houve feridos com brutalidade para falarmos

em eles terem esfaqueado alguém ou batendo. Pelo menos não notei isso.

Não se passaram 10 minutos até para que a energia eléctrica fosse restabelecida, só então um grito de pavor fez meus sentidos de alerta voltarem ao início da confusão. Há uma garota deitada no chão, a que tudo indica caiu das escadas, podemos considerar um acidente devido à falta de luz que pairou no ambiente, aliás todos estão nessa conforme. Eu também estaria se meus olhos não se levantassem e observassem duas pessoas na ponta alta da escada: Bagre e Seteka, o que me fez deduzir que eles empurraram a garota acidental ou propositadamente.

- O que vocês fizeram? – Interroguei apavorada.

- Temos de sair daqui. – As palavras de Bagre são o suficiente para confirmar minhas suspeitas de que eles tiveram feito isso propositadamente. Meu Deus, o eu estou fazendo?

Dessa vez tinha que ir com eles, ninguém acreditaria de novo em mim nem apareceria David Daves para me safar da polícia. Percebi tarde que estava envolvida numa vingança esquematizada e não tinha como sair. Faria esse tal comercial e depois sairia a correr o mais depressa possível de longe do Tony.

- Tony, o que você mandou fazer? Isso não era para ser assim. – Falo ao atravessar a porta principal da casa de Tony.

- Infelizmente, Graciela, nem sempre escolhemos o que fazemos, o que aparecer temos de aceitar.

- Feriram uma garota! Duvido que uma garotinha te fez algo?! – Grito. Queria uma resposta para pelo menos aguçar minha sensibilidade moral de culpa.

- Esse assunto termina aqui! – A fúria que seus olhos deitam, deixam-me claramente apreensiva do que o melhor a ser feito é calar a boca ou uma metralhadora é capaz de ser posicionada na minha direcção.

Notei que Carla e Lujani também estão incomodadas com o rumo que as coisas estão tendo. Susana tem um semblante duro que não permite ler sua expressão, os rapazes seguiram para os seus quartos sem dizer uma única palavra, Pino felizmente estava alheio ao que se passou.

Cada refeição se tornava mais constrangedora do que a outra. Antes atribuía o facto de sermos desconhecidos um para com o outro, mas daí no pequeno-almoço já levantávamos pequenas conversinhas, o caos começou a tomar proporções maiores no momento em que presenciamos a cena na escola. Agora noto que nem os rapazes estão satisfeitos com a cena. Se o almoço foi uma desforra, imaginem como está sendo o jantar.

- Vocês não podiam ter feito aquilo? – Susana rebate quebrando desta maneira o silêncio que nos preenchia.

- Nós também não queríamos também preferiríamos não ter feito aquilo. – Seteka diz furioso.

Irritada Susana se levanta e bate as mãos contra a mesa.

- Era só não terem aceitado. – Grita.

- Nós fizemos isso, mas apenas resultou em ameaças. – Bagre vocífera.

- Também não é para tanto. – Carla fala. – O Tony não vos teria ameaçado.

- Vocês não têm ideia de quem é aquele cara. – O tom de voz de Lau sai arrastado. – Ele não é o bonzinho que nos mostrou ser quando chegamos aqui.

- O Tony? Mau? Nem vocês acreditam nisso. – Lujani bufa.

- Não temos motivos para mentir. – Lau fala.

- Motivos é o que acreditamos, vocês terem de sobra. Não concordas Grace?

Queria poder dizer que sim, concordo contigo Lujani, mas meu instinto diz-me que Tony não é confiável e que os

rapazes em frente de mim dizem totalmente a verdade. Meneio a cabeça em negativo arrancando um suspiro de alívio da parte dos rapazes e gestos frustrados da parte das meninas.

- Pelo menos há alguém sensata. – Bagre eleva as mãos para o alto.

Pino na sua inocência de 9 anos pôs uma música e começou a dançar, gritando. Ele não sabia nada do que se tinha passado, os outros o seguiram dançando, se divertindo enquanto isso, a quem estava lutando pela vida em cada 3 minutos, se segurando nas esperanças de um dia ver seus sonhos realizados para não perdê-los e eles fariam-na se animar, voltar a ver, falar, mexer e sorrir - Irivânia estava assim entre a vida e a morte.

A ansiedade de vê-la tomou conta de mim, era uma sensação estranha de preocupação. Não me segurei e sem pensar nas consequências fui ao Hospital. Vi novamente a senhora da varanda, ela está a chorar, uma dor repentina bateu-me no coração em vê-la assim, como se as lágrimas dela fossem os pedaços das minhas lágrimas de longos e longos anos chorando.

Pensei que estivesse chorando por um filho ou filha presa numa cama de hospital, mas logo esse pensamento fugiu-me quando notei um casal chorando abraçados ao lado dela, seu pranto é maior que o da senhora loira o que confirma a ideia deles serem pais de quem está internado e a loira ser familiar, pois suas lágrimas são silenciosas e pequenas.

Não tenho nenhum conhecimento da família da garota, nesta sala do hospital há em cada canto um pequeno grupo de famílias, não tenho a mínima ideia de aonde me dirigir para buscar informação sem chamar a atenção dos familiares que devem provavelmente estar nesta sala. A única coisa que eu sabia da garota é o seu nome: Irivânia.

Vejo um médico vindo dos corredores de internamento, deduzo que venha dar alguma informação sobre um

paciente. Fico com a ideia de ir ter com ele depois para saber da Irivânia e invento ser colega dela.

- Familiares da menina Irivânia Amaral?

Noto algumas pessoas pronunciarem-se e caminhando até o médico, a loira é uma delas. Meu coração acelera ao tomar consciência da tamanha angústia que provoquei a essa família, percebo que minhas mãos estão suadas esperando com nervosismo o que o doctor tem a falar como se fosse alguém da família a atenção que eu dava a situação.

- Felizmente, a garota está bem. – Graças a Deus. Orei muito por ela. – Terá que ficar em observação devido à intervenção cirúrgica que tivemos que fazer na área lombal da coluna, contudo, ela está fora de perigo e de ter qualquer dano.

Oiço agradecimentos a Deus vindo da boca dos familiares da garota pelo seu estado. Num último suspiro, descarrego toda tensão que estava sobre mim, essa notícia foi um verdadeiro conforto para o meu coração.

Já são quase 21h, o bom é que só teria que caminhar algumas quadras até à casa do Tony. Minha caminhada foi mais leve do que a ida ao hospital, é como se tivesse levado um saco de cimento e deixado descarregado no hospital.

Por incrível que pareça, a cidade de Luanda continua a estas horas com um movimento considerável para a escalada da noite. Vejo algumas pessoas paradas nos postos de táxi querendo locomover-se para algum lugar que só pode ser feita de automóvel. Outros mais a distante, estão correndo sobre os corredores de um relvado numa pequena praça na cidade, exercícios são necessários para manter a saúde individual e colectiva, quando enraizados na preservação do meio ambiente.

Passo logo pelo portão da casa do Tony, não havia nenhuma segurança, encontrei porém, um deles no jardim que me olha de cara amarrada. Dou de ombros evitando reflectir sobre os marretas guardas, e logo me vejo dentro da sala de estar, sigo para o quarto que divido com as outras meninas,

no entanto, meus passos perdem a velocidade até se reterem fixamente defronte à porta da sala de jantar do Tony quando o oiço a falar com alguém pelo telefone.

- Espero que estejas com tudo preparado. – Tony fala. Passam-se alguns segundos quando volto a ouvir sua voz. – Não se preocupe, a ovelhinha está aqui na minha cabeça bem guardadinha para o nosso plano.

Do que ele pode estar a falar?

- Ela não tem ideia de que se meteu numa alcunha de lobos.

Nós fomos enganados?

- Tudo vai dar certo. Fique calma.

Saio apressada para o quarto assim que ele encerra a ligação com medo de ser vista. Fecho a porta atrás de mim quando adentro no quarto, suspiro ainda encostada na porta. Algo muito estranho está acontecendo com o Tony ou melhor, há algo de muito errado nesse plano.

- Eu e você precisamos de conversar. – Levo a mão ao peito com o susto que tomei ao ver Susana à minha frente de braços cruzados.

Seja lá qual for o motivo da sua conversa, eu não sairei de bom agrado para com ela.

5º DIA

Ontem Fiquei sabendo da doença de Pino, Susana confessou-me:

-Meu irmão está muito doente e vai morrer. Os médicos disseram que ele só tem mais 3 meses de vida.

O silêncio me dominava. Sentei devagarinho tentando acreditar no que Susana me disse. Ele vai morrer, eu não quero isso, ele é muito especial para mim.

Na noite passada, eu e o Pino fugimos, fomos na floresta à procura de uma folha que o poderia salvar deste câncer. Quem ia imaginar que coisas tão banais que destruímos com a mão contêm uma vida!

Acampamos ao lado de um rio, numa área verde tão fresca, uma sensação incompreensível, sensação de estar com a natureza, com o seu exteme, com sua prosperidade, com seu frio, seu verde esperançoso.

- Eu sei que nunca vou encontrar a minha cura. - Falava o Pino sentado no capim olhando fixamente no rio. - Quero me aventurar a não desistir, a morrer com honra procurando minha cura.

Ele deixou-me sem palavras. Era um menino tão esperto! Com uma inteligência surpreendente que se escondia por detrás da sua ingenuidade.

- As vezes me pergunto se a felicidade existe. - Você também sente o mesmo?

- Não sabes quantas vezes eu ia para cama chorando. Me perguntando se um dia encontraria meus pais. Foi este o motivo que me fez sair do orfanato, quero encontra-los, conhecê-los e saber porque me abandonaram. O Tony já descobriu quem são, só tenho que esperá-lo até ele decidir contar-me. - Falo lembrando as palavras confirmativas do Tony sobre a identidade dos meus pais.

- Porque você não descobre sozinha?
- Sozinha não vou conseguir! A cidade é bem grande... Esperarei a ajuda do Tony.
- A alegria aparece quando deixamos Deus curar todas as feridas interiores que possam existir em nós. Falo esperançosa.

Nossos olhos estavam grossos de lágrimas seria fácil chorar, as lágrimas facilmente escorreriam no rio já que estamos fixamente olhando para ele. Mas não! Não vamos chorar porque é inútil chorar neste momento. Se chorássemos, estaríamos a aceitar nossa derrota e perderíamos antes de lutar. As lágrimas não nos dariam nada neste momento.

Esta noite na selva tudo estava silencioso e desolado, Circulava uma hiena que uivou toda noite procurando mata que lhe ofertasse abrigo e terras.

Quando meus olhos voltaram a abrir-se, via uma paisagem de baixar o queixo. Coisa fabulosa é a mata, esta hora de o sol começar a nascer. "Os passarinhos já estavam a cantar. As sombras dos macacos a saltar já estavam a aparecer". A mata inteira está numa festa, com aqueles barulhos diferentes e especiais que faziam tão bela harmonia na música.

Começou a chover de manhã cedo e as árvores, o capim, os animais, tudo estava contente com a água, as raízes estariam a beber felizes. O rio ria tanto que corria ainda mais rápido. Não se ouvia barulho de nenhum animal, nós só podíamos ouvir o barulho da chuva.

A chuva parou às 2h da tarde, não tinha sol," *o sol estava com vergonha de sair*", lembrei desta frase de algum texto que tivera lido.

Vagueamos por toda mata, encontramos folhas de vários tipos mas nenhuma delas parecia ser medicinal. Estavam todas espingardas de gotinhas de água pela chuva. Algumas tinham cheiro estranho, era melhor não arriscar poderiam

ser venenosas, outras tinham cheiros conhecidos: goiabeira, mamoeiro, marmelão, moreira...

A imagem da folha que tínhamos num papel estava meio ofusca, não parecia claramente. Assim seria difícil encontrá-la e, não encontramos. Voltamos para o acampamento; estava com medo da reacção do Pino, olhou-me e começou a rir:

- Foi uma boa aventura. – Diz Rindo.

Entrei no estado dele e comecei a rir também. Ele estava feliz, tinha lutado, era uma questão de honra.

- Vamos voltar para casa o nosso acampamento já acabou.
- Disse olhando-o nos olhos.

Voltamos em casa, não vimos ninguém. Mal pus o pé na porta quando meu corpo sente um caloroso abraço.

- Obrigada pelo dia!

-Não tem de quê. - Respondo também abraçando-o carinhosamente como ele me abraçava.

- Vou dormir.

Pino parecia estar bastante feliz! Brota dele uma expressão como ouro mirrado de luz, estrelas felizes por terem nascido, como mata agradecendo pela chuva. Gostei de fazer parte desta felicidade dele.

- Onde você levou o meu irmão?

- Numa floresta! - Olhava a marreta da Susana que descia a escada.

- Porquê você o levou?

- Ele pediu-me.

- Nunca mais faça isso. - Disse pegando no meu braço e sacudindo-me. - Nós temos tentando proteger o meu irmão.

- Proibindo a felicidade dele?

Falo dando as costas para ela. Não terminaríamos em bom pé se continuássemos a conversa, além do mais, estou muito exausta para discutir com a Susana.

6º DIA

Nada melhor do que ir à praia, caminhar na areia macia. Hoje estávamos aqui na praia. O mais perto que tive do mar foi o ano passado quando viajei junto com as meninas do orfanato para o Namibe na festa de casamento da irmã da sra. Vissapa. Ficamos dois dias lá e apenas chegar no mar no segundo dia e só ficámos 2 horas relaxando na areia quentinha.

- O dia está lindo! -Disse o Pino

- Dia lindo para mergulhar. -Disse a Carla.

Desde que Susana me contou da doença do Pino olho para ele de todas maneira. Como um menino que quer aproveitar a vida antes de morrer, antes de deixar de aproveitar tudo que ingenuamente podia aproveitar.

O dia seria bastante lindo, longo, divertido e estranho. Eles entraram na água, apanhavam ondas, davam mergulhos. Fiquei a beira mar me molhando com aquela água que vinha e ia. Diversão deles dentro do mar era tanta que também os segui, entrei também na água esquecendo que não sabia nadar.

- Seteka, ajuda a Grace, que está se afogando. – A voz soa ser da Lujani.

- Estou tentando. – A voz de Seteka soa distante.

3 minutos... 3 pulsações... me deu branco, vi tudo preto e quando abri os olhos estava deitada na areia; gente estranha me rodeando, reclamando e outros agradecendo.

- Você nos deu um susto. - Disse a Susana. Era estranho ela falar isso, ela não de gosta de mim, está sempre me olhando mal e contrapõe-se a tudo que faço e digo.

- O que aconteceu?

- Você não sabe nadar, se afogaste e ainda desmaiaste! – Vocifera o Lau.

- Não é preciso ser assim tão duro com ela. – Retorque o Seteka.

- Você não me fala nada.

O Seteka e o Lau são irmãos por parte de pai. Moravam com o pai e com a mãe do Lau, nesse caso a madrasta do Seteka. Lau não suporta a ideia de ter abandonado tudo, todo luxo para seguir o irmão que fugiu de casa, eles ficam se jogando isso na cara sempre. Mas lá no fundo se amam muito por isso Lau preferiu vir morar na rua com o irmão.

- Deixa isso para lá, o importante é que a Graciela está bem.

- Disse o Pino acariciando-me nos cabelos.

- Estou bem tonta... - Seguiu-se uma risada de grupo.

"Que o ar é fresco, quando se repousa contemplando os peixes dando saltos e brincando". Provavelmente esqueci de vos contar que nunca aprendi a nadar nem em rios nem em valas.

Quando demos pelas horas, estamos no tempo do almoço.

Nunca provei nada melhor e mais saboroso do que comer um peixe bem grelhado que acabou de sair do mar. As lasanhas, mariscos, caranguejos....

Depois do almoço, um bom almoço em paz familiar, onde tudo se esqueceu excepto a alegria de viver e a boa música.

A Carla saiu com o Bagre. Eles gostavam um do outro; os sorrisos bobos quando um fala, os olhares dispersos quando se concentravam ou as palavras bobas quando estavam em frente um do outro. Arrastavam os pés pela areia quente da praia, deixando-se contaminar pela alegria das ondas, de uma e de outra onda.

Tudo estava harmonioso, eles brilhavam ao lado do outro, era o momento ideal para declarar-se um amor verdadeiro. De repente tudo parece mudar, a alegria transforma-se em tristeza numa questão de minutos, de segundos.... foi o que aconteceu com a Carla. Apareceu um grupo de 3 rapazes que

a levaram no meio das árvores. Bagre usou todas suas ferramentas de macho para tentar ajudá-la mas no fim só tinha forças de falar; o seu carácter de machismo, de tudo faz, de forte acabou sem ele conseguir fazer uma coisa por Carla:

- Soltem ela. - Fala com lágrimas nos olhos. - Vocês são uns covardes.

- Ainda não a soltaremos. -Retorquiu um bandido de voz máscula, como a voz do rapaz que discutia com gang da 17.

Bagre não conseguiu nada, a única coisa que conseguiu foi uma pancada forte na cabeça que o fez perder os sentidos. Talvez fosse melhor assim para não ver como Carla era estuprada violentamente pelos três rapazes. Ela gritava, gritava e gritava e para sua desilusão, ninguém a escutava, ninguém a socorreu. Ela simplesmente deixava cair lágrimas que quando tocavam na terra, tornavam-se pedrinhas de ferro.

Preferia não ter que encontrá-la daquele jeito, chorando ao lado de Bagre que recuperava os sentidos pouco a pouco. Sua voz melancólica expressava tudo que ela sentia. Era apenas uma garota de 16 anos que tão cedo perdeu a inocência e a paz. Nós poderíamos dar-lhe mil conselhos, pedir para ela parar de chorar mas só quem passa, sabe o que sente.

A Susana cuidadosamente levou-lhe para dentro do mar. A água salgada do mar fazia bem ao corpo, aliviava as dores, o stress, levava a um estado de relaxamento profundo. Susana não tinha palavras para lhe falar e simplesmente abraçou-lhe; Quando o abraço lhe chegou ela lembrou-se do dia que saiu de casa, que se sentiu farta de viver com os empregados enquanto seus pais viajavam. Nunca pensou que isso a aconteceria quando estivesse sob cuidado e protecção do Tony!

- Eu não quero ficar aqui. - Disse-me o Pino segurando a minha mão. - Tenho medo de morrer sem fazer nada.

Não queria ferir-lhe, por isso, fingi que não ouvi a última parte em que ele disse "morrer sem fazer nada".

Os olhos dele brilhavam cautelosamente, os cabelos voavam batendo-lhe no rosto. Era tanta perfeição em uma só pessoa que não pude negar-lhe.

7º DIA

O dia hoje é livre, cada um escolheria o que fazer. No dia anterior, o Pino tinha me sugerido que fôssemos a uma fazenda brincando de babas. O Pino era ingênuo, me fazia lembrar a Lia, motivo pelo qual eu gosto dele. Tinha uma inocência parecida com a dela, uma alegria que sempre conseguia me fazer sorrir. Ele consolou-me quando o Tony rabujissimamente¹ me disse que só falaria quem são os meus pais depois do plano dele se concretizar.

- Não fiques assim! Prometo que quando a gente for na fazenda vou dar-te um presente para tu ficares feliz.

Olhei para ele e sorri! Era tanta inocência que alegrava a alma. Eu tinha mesmo que esperar pelo Tony ou nunca saberia sozinha quem são meus pais.

O sol ainda estava a dormir, a madrugada estava se preparando para sair e Pino já estava de pé, batendo a porta do quarto:

- Quem é? – Respondo virando doutro lado da cama

- Graciela levante já! Tens que estar pronta cedo.

Pino estava entusiasmado, queria muito ir à fazenda. Há muito tempo que ele quer ir lá, seus irmãos não aceitavam acompanhá-lo, só gritavam com ele.

- Vamos a essa bendita fazenda. - Disse sorrindo.

Durante o caminho, o Pino foi contando-me como seriam as coisas lá e, nós teríamos de nos fazer passar de babas. Ele é bem imaginário, tem fantasias fabulosas.

- Este é um dos meus sonhos antes...

- Deixe de brincadeiras! – Impeço-o de continuar a falar.

Chegamos na fazenda e era tudo de bom. Plantas, flores, cavalos, riacho... Lá era legal menos a dona da fazenda.

- Quem são vocês?

- Os babas de hoje dos seus filhos! - Disse Pino tremendo.

- Meus sobrinhos...

- Como a senhora quiser. - Ainda apavorado.

Era uma velha rabugenta todos a chamam de Lacraia: não se importa com a gente da fazenda, ninguém saberia dizer qual é a sua maior felicidade já que nunca foi vista a sorrir, só reclama, ela era dura, em vez de coração puseram pedra no corpo dela. Não gostava de nada ao seu redor, a seu bel-prazer estava em apreciar velhos quadros ou a pintar alguns. Os empregados domésticos são os mais susceptíveis de serem extrapolados pelo mal-humor da senhora. Pobres empregados que não tinham mais para onde ir, perdessem o emprego perderiam sustento para suas famílias, eles sofriam e lamentavam.

- O dia vai ser bem difícil aqui! - Cochichei baixinho no ouvido de Pino.

Quando abrimos a porta encontramos duas crianças brigando. Uma menina e um rapaz. É deles que temos de cuidar, isso seria mesmo difícil.

Fazem pedidos não aceites, choram por qualquer coisa, reclamam de tudo. Não podiam ser mais chatos!

- Graciela, vem. - Chamou-me o Pino. - Corre!

Ele estava deixando papéis amarelos que direccionavam até a porta principal da casa.

- Para quê isso?

- Tenho um plano para acalmar a Lacraia.

- Não é assunto nosso...

- Vem. Vamos ficar aqui em cima nas escadas controlando ela.

A Lacraia estava saindo da cozinha e estranhou uns papéis amarelos; não hesitou em segui-los e chegou até a porta principal. Abriu a porta e o que eu não sabia é que lá fora

também tinham, papéis. Ela continuou seguindo até ao fim. Com certeza curiosa demais por nunca ter visto tal brincadeira em sua fazenda, e a sua curiosidade foi tão alta que não lhe deu tempo de parar para reflectir.

O Pino puxou-me e levou-me a correr até uma árvore.

- Agora viemos fazer o quê aqui?

- Já verás!

Ela vinha ela...Catrapus...a Lacraia foi trancada num pequeno quarto abandonado no meio da sua fazenda. O plano de Pino tinha dado certo e logo ela começou a gritar e a debater-se contra a porta. O que eu acho provável é que ela tenha pensando que apanharia em flagrante homens não cumprindo com os seus horários de trabalho. Todos os empregados estavam vindo ajudar...

- Temos de ir ajudar a patroa

- Eu quero dar-lhe uma lição para ela deixar de ser má. E nem vem dizer-me que ela se machucou porque se se machucou estará melhor. - Pino falava como um palestrante ou aqueles repórteres de TV.

Ninguém se aproximou da Lacraia, no íntimo todos se sentiam felizes. Aliviados por estarem minutos longe das suas ordens.

Ficamos próximos da porta:

- Me tiram daqui seus animais!

- A senhora não está em posição de ofender. - Respondo.

- Me ajudem!

- Com algumas condições.

Pino pediu-me para ter uma conversa a sós com ela. Deixei-o lá. Ele encostou-se na porta e do jeito que falava parecia explicar-lhe as coisas paulatinamente. Depois ele me chamou, destrancamos a porta e a deixamos sair do quartinho.

Ela andou sem fazer barulho como quem reflectia, Pino e eu seguimos seus passos, chegou em casa, foi logo fazer as malas e saiu deixando aviso aos empregados que viajaria, passaria alguns dias fora, deixando todo o cuidado nas mãos deles.

Ninguém sabia o que Pino disse a Lacreia mas todos estavam aliviados que ela foi por alguns dias.

Subimos de novo a escada e ficamos a assistir as duas crianças que discutiam: a menina pegou um jarro e bateu na cabeça do menino!

- Não se mete! - Disse-me o Pino.

...

A primeira coisa que eu ouvi quando entrava em casa foi alguém me sussurrando atrás no ouvido:

- Obrigada por fazer esse momento ser especial, eu agora sou o menino mais feliz do mundo, e agora posso morrer feliz.

Como se suas palavras antecipassem o que veria segundos depois, naquele mesmo instante Pino caiu no chão.

- Pino acorda não faz isso comigo! - Grito mexendo-lhe.

Susana logo que vê o irmão, aproxima-se pegando o seu pulso, o impacto foi forte porque logo ela desmaia.

Bagre todo agitado, vai correndo onde está o seu irmão:

- Mano acorda por favor, não nos deixe, vê como a Susana está, não vê que ela está a sofrer!

Depois de uma hora, já estávamos mergulhando num mar de lágrimas com a certeza da sua partida. Eu sei que ele está num Lugar melhor, sem sofrimento, está com o Pai Eterno. Susana ficou em choque e não falava nem se mexia, a colocamo-la no quarto, tentei falar com ela mas parecia que ela nem estava aí. Não sei como ia lhe consolar se eu também precisava de ser consolada.

O Tony assumia tudo, ninguém prestou ouvido ao que ele disse, a única coisa que nós todos parecemos estar a viver é a nostalgia de tudo que passamos com o Pino.

8º DIA

Neste dia enterramos o Pino, era um adeus doloroso, nunca pensei que meu amigão fosse partir tão cedo. A casa sem ele não vai ser a mesma.

Apesar da nossa dor, hoje era o dia de toda palhaçada, ou seja, do famoso comercial. Hoje iríamos saber qual é a intenção real do Tony.

Ninguém ria, estávamos tristes e felizes ao mesmo tempo, fracos e fortes. Respeitávamos bastante a dor da Susana e do Bagre por perderem o irmão mas foram eles que nos motivaram e que deram o primeiro passo:

- Vamos nos preparar e fazer exactamente o que o Tony nos ensinou esses dias todos. - Fala Susana limpando as lágrimas no rosto.

- Têm a certeza? Vocês podem ficar, nós damos conta da tarefa! -Retorqui Lujani.

- Como diz a Graciela:"Cada dia é um novo dia". Só superaremos isso trabalhando para esquecer.

Na verdade é a Lia quem diz e, acredito que ela tenha copiado em qualquer desenho animado que tivera assistido. Uma coisa é verdade, Pino não gostaria de ver-nos tristes.

- Tony, os meus pais?

- Hoje depois de terminarmos o trabalho te falo quem são e onde estão. - Respondeu com um sorriso de hipócrita no rosto. - Agora vamos nos preparar, temos que ser os primeiros a chegar.

Tudo em mim vibrou na perspectiva de saber quem são os meus pais. Fico mais ansiosa do que o normal da minha ansiedade e quem sofre as consequências são as unhas.

Enquanto nos preparamos na T'Mio, as coisas estavam em pé de flor, seria o grande desfile mostrando a nova colecção que prometia levar a empresa no topo das melhores

empresas Sul-Africanas. Arruinar esse desfile seria a coisa mais maléfica que alguém poderia fazer aos directores da empresa.

Luzes, passarelas, vestidos finos, pessoas finas, esse seria o desfile do ano e, nós estávamos lá, vestidos de garçons como se um desfile precisa-se de garçons. Eu explico, o comercial seria feito por nós vestidos de garçons, depois da primeira fase desfilarem nós seríamos os próximos travando assim um comercial directo. Sairíamos e em seguida o desfile continuaria, ideia dos directores da empresa querendo pôr mais criatividade e dando a pitada aguçada de inovação para as empresas concorrentes.

1h antes do desfile começar, fui mais uma vez no banheiro limpo, o suor de ansiedade que teimava em cair no meu rosto, quando voltava deparei-me com a senhora loira da varanda.

- Perdida? - Pergunta passando por mim ao constatar que parei no meio do caminho com um olhar desorientado.

- Não... - Não compreendo minha desorientação ao vê-la.

Ela entra numa sala e não demora mais de 5 minutos para sair de lá levando em suas mãos uma tablete. Está trajando um vestido que cai até o joelho colado na cor verde bebé, as golas e bainha estão na cor rosa bebé, seu longo cabelo está preso num coque bem feito.

- Nunca te vi aqui. - Se aproxima mais uma vez de mim, seus olhos correm pelo meu corpo analisando a roupa que trajo. - Você deve ser uma das treinadas pelo Tony.

Ufa! Sinto um alívio ao constatar pelas palavras da senhora que Tony é alguém conhecido nesta empresa, ainda assim, não foi o suficiente para tirar meu estado negativo para com seu trabalho.

- Não me lembro de tê-la visto no hall. - Afirma com os olhos fixos no meu. - O gato comeu a sua língua?

- Nã... Não. – Não consigo entender o que se passa comigo, fiquei nervosa com a presença dessa senhora. Ainda atordoada levanto os olhos e vejo a bela figura revirando os olhos e voltando-se para o corredor começando a sua caminhada.

Neste momento um aperto sufocou o meu coração, uma sensação de abandono inexplicável. Assisto ela indo, entretanto antes de atingir a porta do hall vejo-a quando caindo e um par de mãos fortes segurando-a, evitando que tombasse no chão. Reconheço o dono da mão, nunca esqueceria tal face, senhor David.

Por um tempo, ambos trocam olhares que de onde estou não consigo ver o que expressam, porém pelas feições demonstradas posso garantir que há surpresa. Ao vê-los desse jeito, minha intuição acelera em dizer-me que eles já se conheciam de algum lugar qualquer, era como se o destino se encarregasse de esbarrar a loira no David por um motivo forte que ambos têm conhecimento.

- Desculpa! – Oiço a voz da senhora.

- Ângela Amaral.

- David Daves.

Um grande silêncio reinou no momento. A troca de olhares fala tudo e nesse momento consigo enxergar as expressões, pois dei alguns passos para frente no intuito de sair deste corredor, e o que vejo nos seus olhos são saudades, raiva, intrigas, desejos, amor... é exactamente o que seus olhos brilhantes falam; nesse momento as palavras foram esquecidas.

A senhora, que agora sei que se chama Ângela, em passos largos voltou a caminhar em direcção ao hall. David fez o mesmo após alguns segundos, não olhou de lado por isso não deu conta da minha presença, vejo um rapaz indo ao seu encontro, se bem me lembro, ele disse ter filhos o rapaz parece ser filho dele.

Dou de ombros e sigo para o hall. Vejo Susana e Lujani sentadas na segunda fileira e sigo para junto delas.

Constatei que para Ângela foi chocante 1h antes de seu maior desfile encontrar-se com David. Tinha que guardar a emoção, subir ao palco e abrir o evento, ela é a Directora-executiva da empresa. Estava lá em cima dando as notas de aberturas quando eu vi uma tatuagem. Meu coração rapidamente acelera, e cada batida mais rápida que a outra minha garganta sufoca, busco por uma fonte de oxigénio dentro de mim que poderia me tirar dessa êxtase mas somente a nítida visão da pele tatuada embala-me sem recusa de parar.

Pego pelo copo de água na mão de Lujani e bebo-o completo, consigo com isso acalmar as batidas do meu coração, a emoção não deixa de estar patente nele, porém já encontro espaço na minha garganta para passagem de ar. Respiro mais uma vez antes de analisar a tatuagem, a mesma que contém uma sigla igualzinha a que tem no meu cordão que presumidamente meus pais me deram: AD².

Fiquei pasmada totalmente sem forças, tão espantada que nem dei atenção quando Bagre me deu sinal para entrarmos na passarela, notei, no entanto, que há mais pessoas na passarela para o comercial. Sento no chão olhando fixamente nela tentando perceber a ansiedade excessiva que eu tinha em abraçá-la. O mais horrível de tudo caio sobre meus ombros quando comecei a entender que talvez eu estaria a participar num plano para destruir a empresa, talvez fosse o plano de seu maior inimigo.

- Os teus colegas já estão no palco. – Oíço uma voz feminina ao meu lado. Olho de lado e encaro uma jovem de aproximadamente 20 anos de pele mestiça e olhos grossos arregalados para mim acompanhados de um brilhante sorriso no rosto.

- Não estou me sentindo bem. – Forço um sorriso. Ela volta a sorrir e vira-se para o palco. É simplesmente esbelta neste

vestido azul que está usando, solto da cintura até os joelhos combinado de um blazer preto.

O Tony não nos explicou antes porquê despertarmos a atenção do público era necessária, eu acabei, percebo neste claro momento em as luzes são apagadas e o cheiro de enxofre começa a preencher todo hall. Agarro minhas mãos com forças sobre as pontas do assento em que ocupo, *Graciela você precisa se acalmar, inspira e expira, tudo vai ficar bem, seu coração é melado.*

Por sorte a falta de luz e o cheiro de enxofre não duraram muito tempo. Vejo seguranças movimentando-se dum lado e do outro para regular o ambiente, foram perspicazes em controlar a situação e dando um pouco de alívio no rosto da Ângela. Mais em frente vejo algumas pessoas sendo algemadas e levadas para baixo, oiço o cochichar de alguém dizendo que tentaram invadir o cofre da empresa aproveitando-se da falta de luz.

Sinto uma vontade inflamável de esmurrar o Tony pelo que ele fez, apressa os passos para junto, percebeu que seu plano foi água abaixo. Chegou perto de mim, tirou uma arma de fogo e apontou-a contra minha cabeça e, logo a seguir segurou-me fazendo-me de refém.

Rio dentro mim pela ociosidade dele, quem se importaria com uma garota sem pais como eu para dar tudo de si e resgata-la. Tony escolheu a refém errada, poderia ter sido mais inteligente e escolher alguém de valência para qualquer um desses senhores aqui no hall, mas pensando bem, é melhor que seja eu aqui de refém para que nenhum inocente viva esse pavor e angústia que estou sentindo e, nenhum pai lamente em prantos o perigo que sua filha está.

- Ninguém se mexe ou eu atiro nela. – Vejo homens poisando suas armas de lado e levantando as mãos como forma de redenção ao apelo de Tony.

Se antes eu estava apavorada, agora atingi o limite 100%. Rezo imparavelmente dentro de mim pedindo a ajuda de Jesus Cristo.

Como se fosse um aviso, minha mão desliza rapidamente para o bolso da minha calça e pego forte no colar que de forma presumível meus pais deixaram comigo. O calor que me preenche é aconchegante para eu afirmar que meus pais estão perto de mim, bem perto.

- Sabem quem é ela? - Pergunta rindo.

As pessoas entreolham-se com expressões interrogativas na cara, alguns zunidos percebo em falarem em ser uma garota do comercial que nunca tinham visto, outros dão de ombros petrificados pela cena. Preferiria que as expressões aterrorizantes fossem por altruísmo a um ser em perigo, mas percebo que para alguns é pelo medo ter um assassinato na empresa em que trabalham e num evento como este.

Meus olhos poisam para o senhor David que exhibe uma extrema preocupação, seus olhos me fixam numa leitura de fica calma. Abro um sorriso dentro de mim por saber que alguém se importa comigo, que alguém realmente está preocupado pelo meu estado.

- Tony, por favor, solte a garota antes que alguém saia machucado. – Oiço a senhora Ângela a falar. Vejo-a junto com a moça simpática que tivera falado comigo há poucos minutos.

- Porque vocês acham que eu escolhi ela como minha refém?
- Sua voz com certo sarcasmo.

Espera aí! Então eu sou alguém importante para um desses senhores e senhoras?

- Ela é sua filha Ângela! A filha que supostamente está morta.

Deus, eu estou vendo minha mãe. Não imaginei uma situação dessas, mas sei que tudo decorre conforme a Tua

Vontade e no Teu Tempo. Obrigada Senhor, eu bem sei que Tu Estás sempre conosco.

Meu chão desaparece nesse momento, não posso, não devo, não pode ser. Apesar de tudo, ainda custa-me aceitar que estou sabendo sobre minha mãe, esperei tanto por este momento que não estou na real que estou vivenciando-o parece que estou numa fantasia, que situação mais constrangedora para se encontrar uma mãe, nada do que estava nos meus planos, mas é bem melhor do que ficar sem encontra-la. *Deus Sabe o que Faz.*

- Não é verdade. – Responde a Ângela visivelmente abatida, seus olhos estão marejados.

- É verdade sim. Pergunta na tua tia Alda!

Vejo-a olhando para uma senhora que está claramente em estado de nervosismo, meus olhos identificam a oponente figura como aquela que em cada três mês aparecia do orfanato para ter alguma espécie de conversa secreta com a tia Helena, como a última em que ouvi ela citando o nome do meu pai. Muita coisa começa a fazer sentido desde então, os olhares carinhosos quando ela me via no orfanato, o doce trato que pensava ser comum para todas, as desconversas quando se falava em eu ser adoptada com reprimendas severas sobre não aceitar.

Essa senhora não pode ser um monstro, eu vi a doçura em seus olhos, a ternura, o carinho e o amor para cada menina do orfanato, mas vendo a situação de agora, ela me ter escondido de minha mãe, o que eu posso pensar?

A senhora Alda balança a cabeça em pedido de desculpa e logo vejo lágrimas seguirem o movimento. Noto que Ângela ainda fixa em sua tia, deixa cair uma lágrima, duas... *Você não pode chorar senhora.*

- Quem diria David, você acaba de descobrir que tens uma filha com a Ângela e já estás quase a perdê-la.

Minha apitada de aceleração volta a soar no meu coração. Passo meus olhos pelo senhor David e logo consigo ver o susto, interrogação e surpresa. O quê isso? entendo agora o significado da sigla AD²: Ângela e David.

Dou-me conta que o David mais próximo da senhora Alda é exactamente o mesmo David que tivera me safado da polícia no meu segundo dia aqui na cidade. Não sei explicar o que é mais chocante: descobrir que eles são pessoas que acabei conhecendo em situações nada apreensíveis, ou o medo de mal tê-los conhecido e saber que a última frase do Tony pode ser verdadeira.

Eu caí, vingativamente, no jogo de Tony. Eu bem sabia que estaria me metendo em confusão quando aceitei fazer o comercial, só não pensei que fosse de tamanha quantidade.

- O que você quer, Tony, para soltar a garota? - O senhor David fala frustrado.

- Ora, ora, alguém sabe falar de negócios acima da emoção.
- Puxa-me para mais perto de si, enfiando o cano da arma pela lateral do meu rosto. - Quero dinheiro, muito dinheiro.

Tony, não me escolheu por acaso para pertencer à sua equipa, se seu plano desse errado eu seria seu alvo de vingança e de conseguir milhões.

- Nós daremos o que você quiser, mas por favor, solte a garota. - David fecha os olhos. Eu não queria ser sofrimento de ninguém mas olha só o que estou sendo.

- Enquanto isso a garota fica comigo.

- Você é um monstro, Tony. - Ela diz

- Isso tudo é culpa tua, Ângela, tu e o do David. Por quê você teve que se apaixonar por ele, amá-lo de verdade e não a mim? - Tony é doente mental, só pode ser. - E olha só o que ele fez, te largou grávida para casar com outra mulher.

- Eu não sabia que ela estava grávida. - David fala entre os dentes, transparecendo sua dor e raiva.

- E nem depois disso você me deu uma nova chance Ângela. Mesmo eu sendo o cara mais atencioso contigo, te dando todo o meu apoio, você simplesmente não correspondeu a esse grande sentimento que eu sentia.

- Você sempre foi um bom amigo para mim.

- Mas eu não queria ser apenas teu amigo, você sabia disso. Esse sentimento foi se transformando em raiva, ódio e a única coisa que eu conseguia ver era a vingança contra vocês dois. – Dá uma pausa. – Ao David por ter te roubado de mim, e você por teres me deixado, meu plano não daria certo sem a ajuda da Cândida para vos separar, é claro.

- Do que você está falando agora? - David indaga nervoso.

Nem sempre as coisas acontecem tal como nós desenhamos. Acreditei durante os anos que me percebo como gente que meus pais tivessem me abandonado, deixando-me para trás sem amor e amparo, em 30 minutos descobri que meus desenhos foram feitos com as linhas erradas para transmitirem alguma beleza aos olhos do observador, a verdade era que meus pais acreditavam que eu tinha morrido quando nasci, aliás minha mãe acreditava porque entendi que meu pai não sabia da minha existência.

O conforto por saber que alguém sempre me quis ultrapassa a angústia que estou sentindo por estar sendo ameaçada com uma arma.

- Ninguém me segue, ou ao contrário atiro na Graciela. Esqueci de apresentá-los.

Vi-me sendo puxada para um elevador, as últimas imagens que consigo captar são de seguranças correndo para o lado das escadas. Não tive uma última imagem de minha mãe e de meu pai para levar comigo para o lugar incerto em que Tony me arrasta.

Novamente, há guardas na parte de baixo do edifício, porém não tentam nada pela pressão que Tony põe no gatilho apontado em mim. Entramos para um carro parado do outro

lado da rua e já lá tinha um homem ocupando o banco de motorista.

Sou levada para um lugar escuro, parece ser uma casa abandonada, cheira mal, parecia ser a única resistência insensata dele.

"No céu se acenderam as primeiras estrelas e a lua se abriu e derramou a sua luz amarela sobre a terra e os homens. O silêncio da noite adormeceu". Observava de uma janela pequena e baixa que está aqui no quarto em que fui posta, apesar de pequena, dá uma bela imagem do céu noturno.

Agora percebi que não tinha fundamentos para qualquer admiração pelo Tony. Mas se bem me lembro, nunca senti admiração por ele, era apenas medo para evitar sua autoridade.

Existe uma certeza firme dentro de mim de que eu voltarei a ver meus pais, tenho fé. Deus me dá essa certeza e Ele nunca falha.

PARTE II

ÂNGELA

Encontro amparo nas mãos de Nelson quando este me segura pondo-me sentada numa cadeira próxima. Deus, é tanta coisa acontecendo, o que se passou aqui foi atordoador demais.

Minha mente voltava insistentemente para o momento em que a garota desaparecendo em meio ao elevador quando este se fechava. Graciela, seu nome é Graciela tal como eu pretendia pôr.

Durante anos vive se corroendo dentro de mim por não ter conseguido feito minha filha chegar ao mundo com vida. Todos os 23 de Julho eram dolorosos carregados de agonia e dias de completos choros pela filha que nem sequer vi o rosto, esses dias passava todos trancados no quarto, meus pais acharam que seria menos doloroso se eu ficasse em sua casa, mas nada trazia um bálsamo para o meu coração. E quando esse dia passasse, o mesmo ambiente triste enrolava-me durante uma cena.

As vezes eu sentia uma dor bem no âmago como se minha filha estivesse viva, em qualquer lugar e, passasse por algum tipo de dor e chamasse por mim precisando do meu carinho de mãe, precisando de um abraço meu, de um sopro no joelho ralado, de alguém que a acompanhasse nas suas tarefas, nas suas brincadeiras, que a levasse para Igreja, para Catequese e orasse junto dela e talvez assistisse-se com ela um monte de desenhos animados.

Ontem enquanto orava, pedi a Deus que me desse alguém para eu cuidar e pôr nela todo carinho maternal presente em mim desde o momento em que concebi da minha filha, o mesmo instinto que nunca desapareceu mesmo depois dela ter nascido supostamente morta. Alguém que me trouxesse a paz maternal que nunca tivera conseguido. A verdade é que quando olhei para aquela garota parada em meio ao corredor senti uma paz que até então nunca tivera

preenchido meu coração, uma pitada de saudade botou dele como se eu já tivesse estado com ela antes.

Minha filha, ela estava bem ali sem eu saber, analisei por breves minutos enquanto caminhava para o hall se o que estava sentindo não seria um sinal Divino sobre o meu pedido, desvinculei-me logo quando senti uma pancada no ombro e vi o rosto de David.

Não podia acreditar que mesmo passando-se 15 anos eu ainda sentia algo lindo muito forte por ele capaz de me fazer esquecer tudo ao meu redor. Por um momento, parecia ter visto nos olhos dele os que os meus transmitiam: amor. Cogitei naquele momento essa hipótese já que ele é casado e com filhos. Quando segui meu caminho senti novamente uma sensação de saudade ao olhar para aquela garota ainda parada no corredor, meu coração batia acelerado pela desconhecida.

Saio do meu desvario quando sinto as mãos de alguém passando pelas minhas costas em sinal de conforto, são de Kiame, minha irmã mais velha.

- A polícia já foi accionada. – suaviza a voz. – Você precisa de ir para casa descansar um pouco.

Olho para grande mulher que é minha irmã mais velha enfeitada num vestido numa saia socialite cor de leite e numa blusa preta com seus cabelos médios encaracolados. Ela poderia ter 34 anos, mas carregava um imensurável juízo de alguém de 60 anos, às vezes, ela até poderia ocupar o lugar de mais nova e eu a de mais velha pelos seus constantes mimos, mesmo sendo casada a nove anos e com dois belos filhos.

Se mesmo que me negasse a assentir, ela me daria um longo sermão. Faço um gesto com a mão pedindo ajuda dela para se levantar, ela abraça meus ombros e começamos a caminhar para o elevador, Wilson, director de marketing da empresa tenta falar algo comigo mas levanto minha mão em pedido que parasse. Não era o momento, eu não tinha

cabeça para outra coisa a não ser aquela garota. Não vejo tia Ilda aqui e de certo agradeço pois não sei o que faria com a raiva que estou a sentir por ter constatado que minha tia mentiu para mim sobre uma das coisas mais importantes da minha vida, minha filha.

Quando o elevador pára só levada até o carro de minha irmã, antes disso consigo ver David ao lado de um policial, seus olhos cruzam com os meus e o que vejo faz-me arrepiar da cabeça aos pés: raiva. Com toda razão eu compreendo o motivo da sua raiva, ele não sabia que eu estava grávida nem que a criança estava supostamente morta e descobre da pior forma possível que tem uma filha comigo sem nem sequer ter o privilégio de tocá-la como eu também quero.

Baixo os meus olhos sem mais nada a dizer, sinto as rodas do carro roncando pela estrada.

Eu nunca contei a David que estava grávida, eu até pensava em contá-lo mas nesse dia ele veio ter comigo e dizer-me que estava tudo terminado entre nós e que se casaria com a Cândida. Eu até poderia entender seus motivos, mas ele brincou comigo, ficou comigo enquanto também ficava com a Cândida, a última frase que ele disse acompanhou-me durante todos esses anos: eu te amei de verdade, nada foi mentira. Desde então nunca mais o vi.

Como ele podia me dizer isso se tinha engravidado uma outra, e pior, uma de minhas amigas, Cândida não poderia ser tão falsa e ele tão covarde.

Suspiro pela conversa exaustiva que me aguarda com David. Eu conheço sua personalidade, sei que quererá ouvir de minha boca os motivos de nunca ter o dito nada, ele virá me procurar.

Passam-se 20 minutos até chegarmos à residência de meus pais. Minha mãe está defronte a porta de entrada aguardando pela nossa chegada, caminho até ela e vejo-a de braços abertos para me receber. Quando encosto sem seu peito, desabo. As lágrimas que até então se negavam a cair

vieram com força, dando toda uma tortura avassaladora. Guia-nos para a sala onde me sento ao lado, suas mãos passeiam pelas minhas costas deixando em cada toque um alivante conforto.

- Calma, filha. Vai ficar tudo bem.

- A tia Ilda... – Minhas palavras saiem arrastadas.

- Ela tem seus motivos.

Surpreendo-me em constatar que minha mãe já sabe de tudo que se passou na empresa durante o evento, não me lembro de ter visto nem ouvido Kiame falando com alguém pelo telefone.

Levanto os olhos para fitá-la e encaro a figura artilosa em pé no último degrau da escada que dá acesso ao segundo andar, Tia Ilda. A raiva sobe pelas minhas veias deixando todo o raciocínio de lado, minha fúria transborda e num impulso vi-me levantar indo ao seu encontro. Entretanto, as mãos de minha mãe e de Kiame me alcançam muito antes de eu extrapolar contra a tia Ilda.

- Soltem-me. – Grito.

- Você precisa de se controlar. – Kiame fala.

- Antes de agredires alguém, primeiro ouve tua tia. – Desço o olhar por minha mãe.

- Você está defendendo ela? - Minha incredibilidade é notória para minha mãe.

- Claro, você está toda agitada sem querer ouvir ninguém.

- Ela tinha treze anos para me contar toda a verdade, e ainda sim fico sabendo pelo Tony.

- Ouve a tia Ilda, por favor. – Kiame esbanja.

Sento rendendo-me aos apelos de minha mãe e de minha irmã. Tia Ilda caminha até o sofá próximo a mim, seus olhos estão marejados mostrando toda sua dor.

- Não era para ser assim. – Balança levemente a cabeça.

- E como a senhora pensou que seria, arrancando milhões da família?

- Não me trates dessa forma, eu sou irmã da tua mãe.

- É que tudo é tão... – Digo batendo as mãos sobre minhas pernas.

Engole em seco para limpar a garganta antes de começar a falar.

- Eu fiz tudo isso para proteger a garotinha contra os malvados que queriam roubá-la.

- Não entendo!

- Quando você estava nos últimos meses de gravidez eu soube que o Tony e a Cândida planejavam roubar a criança de modo a desvincular-se do David.

- Cândida? - Não sei porquê ainda me surpreendo com as atitudes negativas de Cândida, já soube o suficiente dela para não apaziguar nenhuma tensão, mas ainda assim dói saber que uma de minhas melhores amigas durante a infância e adolescência é capaz de destruir a vida de uma amiga.

Minha tia segue explicando as coisas com todos os pormenores que estão lacrados em sua cabeça. No mesmo dia em que dei à luz, uma outra moça também deu só que o nasceu morto, daí ela pensou na troca para proteger a minha filha.

Fico a saber que contou com a ajuda de Helena para esconder a menina em um orfanato na Huíla e que não se revelou até hoje porque soube por intermédio de uma enfermeira que colaborou com a troca de bebês de que o Tony estava sabendo de verdade e procurando a menina.

Ela garantiu de dar tudo que suprisse as necessidades da criança e também nunca permitiu que fosse adoptada para não criar conflitos posteriores quando achasse que já era seguro para garota manter-se perto da família.

- Em nenhuma ocasião eu fiz essas coisas pensando em te prejudicar.

- Poderias ter me contado e arranjáramos uma solução. – Suspiro.

- Eu pensei nisso, mas você seria a primeira que eles seguiriam de cola para saber do paradeiro da garota. – Minha tia limpa as lágrimas que caem no seu rosto. – Eles nunca descansariam até eliminar a tua filha e assim garantir que não houvesse uma outra herdeira da família Daves.

- David nunca soube e nem saberia que eu estava grávida.

- A garota é reflexo do David e você acha que conseguiria esconder isso deles durante muito tempo vivendo na mesma cidade. Seria questão de apenas ligar os pontos. – Minha mãe intervê.

- Mãe, a senhora sabia disso?

- Fiquei sabendo a um mês, sua tia contou-me.

- Eu também sofri guardando esse segredo. Você pensa que foi fácil olhar-te estes anos todos chorar a cada noite, ficar com insônia e entregar-se totalmente no trabalho para esquecer as coisas ao redor?

Levo minhas mãos para o rosto cobrindo-o enquanto as lágrimas caem sem intervalos. Não consigo processar tantas informações, fico dilacerada imaginando tudo o que sucedeu, não estava preparada para tal realidade, eu li durante anos vários livros de Psicologia, livros motivacionais e moralistas aconselhava de acordo com eles, e nesse momento eu é que estaria usando todas essas dicas para manter uma mente saudável, mas não consigo, não consigo.

Minha mãe entrega-me um copo com água e um calmante, aceito porque sinto que minha mente vai explodir a qualquer momento. Deito no colo de minha mãe e vou sentido minhas pálpebras pesarem, tudo começa a ficar borrado, as pitadas na minha cabeça começam a desaparecer, meu consciente já não fala comigo e então tudo fica escuro.

...

Sinto um travesseiro macio por baixo da minha cabeça, o cheiro de minha mãe não está mais ao meu redor, percebo que ela me pôs a dormir num travesseiro e foi fazer alguma outra. A dor de cabeça já havia passado, com alívio abro olhos e deparo-me com o relógio na parede, são 17h o que comprova que dormi duas horas.

Sobressalto-me com o susto que tomo quando meus olhos também captam uma figura no cadeirão ao extremo que eu ocupo: David. Ele está com os cotovelos apoiados entre suas pernas, sua cabeça está apoiada pelas mãos e seus olhos estão presos em mim.

- Que bom que você já acordou. – Estremeço ao ouvir sua voz. Essa é a hora que tanto receei que chegasse. Daqui não há como escapar de um interrogatório por parte dele.

Endireito-me no caldeirão ficando de frente para ele. Passo minhas mãos, pelos vistos em sinal de nervosismo, ele nada diz, nesse momento vejo que fita o nada. Ficámos em completo silêncio durante 5 eternos minutos.

- Podes começar a falar. – Passa a mão pelos cabelos demonstrando toda sua impaciência.

- O que exactamente você quer saber?

Bufa, balançando a cabeça com um sorriso nervoso.

- Tudo desde a última vez que eu te vi.

Suspiro, a conversa vai ser longa e desgostosa, não queria ter que relembrar tudo que vivi longe dele.

- Bom... - Explico-lhe tudo que aconteceu desde então. Em alguns momentos seus olhos são pura raiva e em outros estão tomados de tristeza.

Raiva quem deveria sentir sou eu e não ele, afinal foi ele que se engraçou com nós duas.

- Por quê não me contou que estava grávida?

- Não queria ter que olhar na sua cara de novo depois do que você me tinha dito.

- As coisas poderiam ter sido diferentes, eu cuidaria dessa criança mesmo não havendo nada entre nós.

- Você me disse que se casaria com a Cândida porque estava grávida e ele tivera dito que se vocês não casassem, nunca saberias nada dos seus filhos. – Suspiro pesadamente. – Não queria estragar nada entre vocês, nem ter que lembrar constantemente que você brincou comigo.

Ele levanta os olhos fitando-me, sua expressão é neutra, não consigo lê-la.

- Eu não brinquei com você. – Dá uma pausa. – Te amei de verdade.

Congelo com suas palavras.

- Mas você ficou com outra enquanto estávamos juntos. – Minha voz sai sentida.

- Eu já te expliquei que não foi por minha vontade. Estava bêbado não sabia o que se passa ao redor, apenas sei que acordei na mesma cama com ela.

Cândida poderia ter evitado a situação, já que estava sombria.

- Foi tudo uma armação da Cândida. Ela me droga, e na verdade não aconteceu nada entre nós. – Arregalo meus olhos com a declaração dele.

Ele baixa a cabeça com os olhos fixos no tapete. Rapidamente, sou alertada de uma informação nova e que faria um turbilhão de pitadas acompanharem-me toda a noite na minha mente. Se Cândida alega ter engravidado naquela noite em que David estava fora si e ficou com ela, e ele está me dizendo que tudo foi uma armação que eles nunca se envolveram, então isso significa de que os gémeos não são filhos do David?

- O quê? – Grito para mim mesma. Não podia ser isso.

- Descobri hoje que os gêmeos não são meus filhos e de que tudo não passou de uma armação para nos separarem e lucrarem muito.

Os olhos o fuzilam pela raiva que carreguei durante anos em pensar que ele me traiu. Ele sempre disse à verdade, não se lembrava do que se passou aquela, e era verdade pois ele estava drogado, desligado de tudo. Eu o odiei injustamente durante 14 anos.

Pesava-me muito vê-lo tão vulnerável, ele, assim como eu, também foi vítima das circunstâncias e da maldade das pessoas.

- Minha única filha biológica é a que foi sequestrada. Ela é idêntica a mim. – Vejo um sorriso triste em seus lábios.

A dor que estou sentindo não se compara a dor dele de saber que os filhos que tanto amou durante 14 anos não são seus biologicamente, e quando descobre que tem uma outra filha que verdadeiramente acarreta seu sangue, ela é sequestrada sem antes sequer dirigir uma palavra. Uma dor forte bateu no meu peito pelo sofrimento que David está a passar.

Algumas borboletas voam pelo meu estômago quando minha mão atinge a dele querendo passar-lhe algum apoio que eu também necessito. Ele junta sua outra mão por cima da minha.

Aquém eu quero enganar, eu ainda amo ele, amo muito.

- Recebemos uma ligação do sequestrador, ele está falando agora. – Diz um policial da porta da sala que dá acesso ao sala de jantar.

De forma rápida, levanto-me sem esperar o policial falar mais alguma coisa, David segue-me junto do policial. Fico apreensiva quando vejo que há uma equipa da polícia montada na sala de jantar dos meus pais, percebo mais adiante que eles entraram enquanto eu dormia.

O policial que até então estava com grandes auriculares, retira-os passando assim, a clareza de que ele desligou o

telefone. Outro policial passa um bloco de notas ao que parece ser o delegado da polícia.

- Ele disse que quer 10 milhões para amanhã às 6 horas. – O delegado diz.

- Já ligamos para o director financeiro da família para cuidar disso. – Meu pai diz ao meu lado. Ele não estava de viagem?

Vejo mais à frente o senhor Daves pai de David. Ele também está aqui?

Saio da sala sem acreditar até onde a maldade de Tony é capaz de chegar. Subo correndo as escadas até atingir o segundo andar, dou mais três passos até atingir meu quarto, entro trancando a porta e deslizando sobre ela de costas viradas. Minha filha sempre existiu e agora eu apenas tinha de encontrá-la, de livrá-la das mãos daquele monstro.

Oiço meu celular tocar seguidas vezes. Ignoro-as até certo tempo, a insistência aborrece-me.

- Quem é?

- Minha bela Ângela.

- Tony. – Digo surpresa. – Solta a minha filha.

- Amanhã quero seja você a trazer o dinheiro, somente você. Nada da polícia envolvida nessa troca.

- Onde?

- Envio para o seu número o local.

- Mas... - Desliga o telefone.

Oh Meu Bom Jesus, ajudai-me. Eu não posso perder minha filha de novo, se for para eu ir, eu vou, mas minha filha vai estar comigo amanhã.

9º DIA

O sol ainda não abrira os olhos nem abrira as portas da manhã e eu já estava acordada. Não dormi quase nada.

Quando o sol soltava seus raios e as pessoas circulavam activamente, eu já estava num lugar deserto com o Tony. Tinha aspecto de um antigo abastecimento de pneus, muita poeira ou era uma pista de motocrosse.

Desde ontem que ele me sequestrou e a única coisa que ele me dizia e me repetia mil vezes é:

- Ninguém é culpado do passado que carrega!

O Tony é de certeza doente mental. Porque nutrir tanto ódio? Viver planeando vinganças? Á vida é tão bela fazendo bem, limpando as mágoas e aproveitando o belo que as pessoas têm para fazê-las sorrir.

Agacho-me e vejo uma sombra vinda da direcção da porta. Meus olhos encontram a figura da senhora Ângela vindo em nossa direcção, meus mais belos sentimentos deram um tom de alívio ao vê-la ali.

- Tudo seria tão diferente se você me amasse Ângela! A Graciela seria nossa filha, nossa princesa.

A senhora deixa cair uma lágrima, não fala nada. Espiava ansiosa meu rosto, os gestos e continuava preocupada, trémula e abatida.

Tony falou muito. Pronunciava sua insatisfação, seu amor e sua raiva. No fim ele atirou-me nos braços da minha mãe e antes que ele escapasse a policia surpreendeu-lhe. Impediu o seu plano de andar de país em país deixando dor e miséria, ele estava aniquilado, amarfanhado, traído pela sua própria astúcia. Da sua boca saíram palavras de afrontas, mesmo algemado não se rendia.

Pego forte o braço de Ângela na medida em que vejo tudo a ficar ofusco, meu coração bate rápido, consigo seguir suas

sucessivas batidas, meu coração não aguentou a emoção. Nasci com uma doença cardíaca, os médicos diziam que eu tinha que operar quando completasse um estágio maior de desenvolvimento da caixa torácica, minha vida foi sempre regada de limites até com as emoções. Cada ano que passava o risco aumentava e é mais difícil. Chegaria uma fase em que não seria mais possível minha operação, tudo já estaria perdido, talvez eu já esteja nesta fase para ir encontrar-me com o Pino.

Esse parecia ser meu fim, estava entre a vida e a morte, os médicos tentavam de tudo para me manterem estável, mas era quase impossível, sentia a cada minuto minha respiração mais grossa, mais pesada e sem passagem pela minha garganta. Justamente no momento em que conheci meus pais isto me acontece. Lutava firmemente para eu não parar de respirar, mas cada minuto que passava era mais difícil. Meus olhos já não conseguem ficar abertos, apenas a audição me restou, meu consciente chamava pela Lia, eu tinha que vê-la ou pelo menos senti-la perto de mim.

Lembro-me que David é médico, talvez ele seja um Cardiologista e tome conta de mim como sua paciente, e quem sabe entre me deixar morrer ou tentar uma operação e eu morrer no meio dela, ele prefira arriscar na segunda opção e tentar uma operação. Quem sabe ele fará de tudo para não me perder, eu poderia ser sua única certeza, já que peguei Tony falando sobre gêmeos serem filhos dele e não de David.

Oiço alguém falar que tudo está pronto para cirurgia, passado algum tempo percebo já entrei na sala de cirurgia quando alguém fala em começar com a anestesia. Eu mesma posso contar meus segundos e dizer que cada um deles é vital, cada falha um risco. Meia hora depois da cirurgia começar, o subconsciente que então me mantinha num mundo imaginário começa a desaparecer. Não sentia nada nem ouvia nada, simplesmente a voz da Lia chorando.

Clinicamente, estou morrendo. Abracei minha fé, foi bom ter vivido essa aventura e encontrado meus pais. Morro feliz por saber que encontrei meus pais, Deus quer assim. Eles vão entender, não vão sofrer, e sem mais forças, paro de respirar.

10º DIA

- Graciela acorda, estou aqui te esperando. - Lia fala baixinho no meu ouvido.

Abro os olhos e vejo um tecto brando, paredes brancas, estou no hospital.

- Ela acordou. – Lia bate palmas.

Aqui está ela com seus cabelos sedosos que voavam para o rosto e com os olhos café brilhantes. Eu sentia muita falta dela, não consegui falar nada, somente deixar cair uma lágrima de alegria, ela limpou-me os olhos com aquela alegria contagiante que ela sempre carrega e transmite a todos que cruzam o seu caminho.

Vejo alguém mover-se no sofá, é para lá que desvio meus olhos. Minha mãe está deitada no sofá, ela traja a mesma roupa e está com olheiras, o que comprova que ela passou a noite aqui cuidando de mim, passou a noite porque se a Lia está aqui é sinal de que estou noutro dia e viva. Ao lado dela está meu pai que soltou um sorriso satisfatório, o homem que Deus me mandou para me salvar de ir presa também mandou-o para me operar, tenho 100% de certeza que foi ele que me operou, havia um carinho especial em cada toque naquela sala de cirurgia.

- Que alívio ver-te acordada. – A senhora Ângela diz.

- Então estou mesmo viva? - Pergunto arrancando uma uníssonos gargalhada dos três na sala. Bom, é bem melhor vê-los a sorrir.

- Claro que está, e se recuperando muito bem. – O senhor David fala.

- Foi ele que te operou Grace. – Lia só confirmou minha ideia, tal como eu pensei que teria sido ele.

Não falar nada para eles de ter ouvido a conversa que tiveram aqui nesta sala sobre mim, ouvi minha mãe a

explicar como me perdeu para uma mulher. Eles me querem, eu terei uma família.

- Prometo que de agora em diante nunca mais te deixaremos. - Disse minha mãe segurando-me na mão.

Esse momento foi único, eu tinha as pessoas mais importantes ali comigo: Mãe, pai e Lia. Este momento ficou gravado como a melhor lembrança que já tive.

Oiço batidas na porta e broto mil sorrisos quando vejo as pessoas que estão entrando. Prometi que em 10 dias voltava para o orfanato encontrando ou não meus pais, mas foi ao contrário, o pessoal do orfanato é que veio me encontrar.

- Você dá mesmo problemas, hein Graciela? - Xana fala rindo.

- Também senti tua falta Xana.

Ela vem até o meu encontro dando-me um abraço apertado, forte demais que quase fico sem respirar, tive que bater em suas costas para que ela me soltasse.

- Encontrar-te no hospital é um tanto quanto desagradável.
- Fala antes de abanar as mãos defronte o nariz. Eu bem sei que esse cheiro de hospital lhe é desagradável.

- Saudades. - As outras 8 meninas do orfanato abraçam-me.

- Nunca pensei que sentiria falta das tuas palavras temperadas. - Nancy fala mordendo os lábios. - Até trouxe para você uma coleção das músicas de Anderson Freire.

Entrega-me um MP3. Nancy para me emprestar o seu MP3 e ter posto nele as músicas de Anderson Freire é porque sentiu realmente a minha falta.

- Minha menina. - Tia Helena me abraça. Correspondo fortemente, senti saudades desta grande figura.

Vejo também que há na sala outras pessoas totalmente desconhecidas para mim. A senhora Ilda toma o rumo da conversa e logo pede perdão por tudo, deixando explícito

seus motivos, eu a entendo, tudo para o bem. Eu fui amada desde sempre pelos meus familiares, ela apresenta-me as outras pessoas presentes: meus avós maternos, meus avós paternos, minhas tias, meus tios. O resto está em casa.

Os minutos seguintes fiquei envolvida numa conversa divertida com as meninas, a tia Helena e meus pais que se riam de mim todas as novidades aguçadas que contavam. Vi minha mãe fazer uma expressão dobrada quando disse que gosto de tomar chá.

- Herança do teu pai. – Diz levando as mãos no peito com uma expressão de drama.

Lia não parava de falar nem de contar as inúmeras vezes que ganhei autonomia para pôr-lhe de castigo mesmo sem o consentimento da tia Helena. Vamos de tudo.

Almocei na companhia da tia Helena, pois meus pais tiveram que ir para suas casas.

A tia Helena contou-me do bronca que recebeu da tia Ilda quando lhe contou que eu havia fugido, e ainda maior quando soube que eu havia sido sequestrada. Confirmou que delirei algumas vezes chamando o nome da Lia, meus pais pagaram o voo para que elas viessem o mais depressa possível.

Durante a viagem, disse que ficou chorando com medo de me perder, sua consolação foi Lia que lhe dizia repetidas vezes que eu era forte, e quem me dá essa força é Deus, por isso tudo ia ficar bem, pois Deus É o Sustento.

Minha irmãzinha Lia é tão esperta, suas palavras são carregadas de sabedoria. Agradeço a Deus por tê-la posto em meu caminho.

Meu pai apareceu dizendo-me que já é hora de eu descansar. Lia não aceitou sair de perto de mim.

Poucos minutos depois, vi-os adormecer juntinhas. Lia abraça-me na estreita cama de hospital em que estamos deixando o espaço menos apertado para nós duas.

Se estou feliz por encontrar meus pais, estou felizarda. Tive todos que amo aqui juntos, minhas irmãs do orfanato que apesar de tudo são a minha eterna família perfeita com a tia Helena, a Lara e a senhora Vissapa e o Chico.

Deus É Bom Em Todo Tempo.

SOBRE O AUTOR



Silvana Bernarda Agostinho Ndala, nasceu aos 04 de fevereiro de 2001, no município da Humpata, província da Huíla, Angola. Reside no município do Lubango desde 2017.

Formação Académica:

Fez seus ensinamentos Primários na Escola Ngangula nº 65, no município da Humpata, frequentou legalmente neste município o I Ciclo do Ensino Secundário no colégio nº 698.

Em 2016, ingressou na Escola Magistério Primário da Huíla nº 181, na Comuna da Huíla, município do Lubango, onde estudou sobre regime de internato, tendo concluído o Curso de Formação de Professores no ano 2019.

Atualmente, é estudante na Faculdade de Direito da Universidade Mandume Ya Ndemufayo.

Começou a escrever ainda criança, uma literatura de pequenos contos e fábulas, tendo dado o passo para a poesia aos 14 anos, aos 15 anos de idade, optou, também, como parte do meu leque a prosa e, posteriormente, temas científicos.

Desenvolve, desde então, os géneros narrativo e lírico, e os textos informativos e explicativos como partes primordiais do meu leque de escrita.

Já me aventurei em grupos musicais, dança e teatro (onde cheguei a escrever cenas e peças teatrais, resumindo, desta forma, minha passagem pelo género dramático).

QUANDO O PASSADO SE TORNA PRESENTE

Autor: Silvina Bernarda Agostinho Ndala

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

Silvina Bernarda Agostinho Ndala

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

